



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

**ANA PAULA SANTOS TRINDADE**

**PROJETO CULTURAL CINE AÇÃO:  
AÇÃO PILOTO ORGANIZAÇÃO DE AUXÍLIO FRATERNAL**

Salvador  
2017

**ANA PAULA SANTOS TRINDADE**



**AÇÃO PILOTO ORGANIZAÇÃO DE AUXÍLIO FRATERNO**

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação – Habilitação em produção e Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla de Araujo Risso

Salvador  
2017

**ANA PAULA SANTOS TRINDADE**

**PROJETO CULTURAL CINE AÇÃO:  
AÇÃO PILOTO ORGANIZAÇÃO DE AUXÍLIO FRATERNAL**

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla de Araujo Risso (Orientadora)**

---

**Prof. Dr. Adriano de Oliveira Sampaio (Examinador 1)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Jiovane Lima de Sena (Examinadora 2)**

---

**Salvador, 30 de agosto de 2017**

## **Agradecimento**

Em 13 de maio de 2013 iniciei a minha vida acadêmica, sem a menor ideia do que estaria por vir e incerta de que meu caminho profissional era mesmo na Produção Cultural. Entrei com muitas dúvidas e apreendi que elas são boas, porque são elas que nos move.

Através da Universidade aprendi a desconstruir e reconstruir pensamentos, gostos, conceitos e crenças. Acumulei bagagem, abri minha mente e vi um mundo de possibilidades. Conheci novos lugares e principalmente, tive a oportunidade de conhecer e conviver com diferentes pessoas. A convivência também é um aprendizado e fez mudar minha visão de mundo.

Foram pouco mais de quatro anos que passaram depressa. Foram anos de intensa e imensa formação, experiências enriquecedoras e pessoas especiais.

Acredito em Deus, por isso agradeço por ter me dado força de vontade para superar meus obstáculos diários e por permitir minhas vitórias sem prejudicar ninguém ao meu redor.

Agradeço a mais especial das pessoas, minha mãe, sem ela eu não teria chegado onde cheguei e não alcançaria metade das minhas conquistas. Agradeço o incentivo, o companheirismo e a confiança. Só nós duas sabemos o que já passamos juntas. Agradeço pelas horas que ficou me fazendo companhia enquanto eu escrevia esse projeto e por me ajudar quando eu me senti angustiada por pensar que não daria conta de todo o processo.

Agradeço aos professores que generosamente me concederam um pouco do vasto conhecimento que possuem. Especialmente a Prof<sup>a</sup>. Annamaria Palacios que me incentivou a prosseguir com a base do projeto.

Agradeço imensamente a minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Carla Risso por ter aceitado o desafio de me orientar, mesmo com o pouquíssimo tempo que tínhamos para desenvolver o projeto. Obrigada por acreditar na minha capacidade, por vibrar comigo por cada conquista e por me dar as ferramentas e o incentivo necessário para ir a diante.

Agradeço a Organização de Auxílio Fraternal – OAF por abrir as portas da instituição para mim e confiar no projeto.

Agradeço aos colegas e amigos que fiz ao longo da graduação, pessoas com as quais troquei ideias, expectativas, alegrias e frustrações. As pessoas que ficaram ao meu lado estimulando e até cuidando de mim, eu gostaria de dizer que vocês me ajudaram só pelo carinho e atenção que tiveram comigo durante esse período corrido e prazeroso da minha trajetória acadêmica. Agradeço aqui a Raylana, minha parceira/amiga de muitas aventuras e a Óscar um verdadeiro amigo que a vida me deu, e que me ajudaram no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Vocês foram incríveis, nunca vou esquecer o que fizeram por mim!

Agradeço a Seleção Feminina de Futsal que me ensinou a recomeçar e a me desafiar diariamente. Entrei planejando ficar apenas um ano e matar a saudade de praticar meu esporte favorito, mas hoje após quase três anos de convivência não consigo me ver longe. Os treinos e jogos acabaram sendo a minha válvula de escape, me fizeram aprender que as derrotas fazem parte do processo de evolução e que são elas que dão um gosto especial às vitórias. Agradeço pela paciência quando nem eu mesma acreditava muito em meu potencial. Mesmo com todas as dificuldades essa equipe se faz forte e surpreende não só os adversários, mas também a si mesma.

Agradeço aos meus Agenders, essa galera que me ensinou a respeitar as diferenças e a apreciar novos gostos. Obrigada por encherem meus dias com tantas alegrias, pelo companheirismo, pela sinceridade, pelos abraços trocados e sorrisos multiplicados.

Obrigada a todos que foram ficando e se transformando em minha família do coração, não preciso citar nomes, quem for um deles com certeza vai saber. Aos amigos que mesmo de longe me fizeram companhia. E ao meu querido café por não me abandonar nas longas madrugadas em que estive escrevendo este memorial.

“Interrogado sobre a diferença existente entre os homens cultos e os incultos, disse: ‘A mesma diferença que existe entre os vivos e os mortos’”.

Citado em Diógenes Laércio, Vidas dos Filósofos,  
Aristóteles

TRINDADE, Ana Paula Santos. **Projeto Cultural Cine Ação**. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

## RESUMO

Este memorial busca detalhar e expor as etapas do trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura da universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA). O trabalho final resulta em um projeto cultural piloto denominado Cine Ação.

O projeto foi composto por duas sessões de cineclube ocorridas nas salas de cinema Walter da Silveira e Alexandre Robatto, voltadas para as crianças e adolescentes da Organização de Auxílio Fraternal (OAF), as quais, após a exibição, participaram de um bate papo em torno do tema Meio Ambiente, um dos assuntos abordados no filme exibido *WALL-E (2008)* e posteriormente construíram uma Horta-PET sustentável na instituição.

O projeto teve o objetivo de inserir as crianças no contexto sociocultural, promover a troca de experiências, formar uma nova plateia para o cinema, e promover o debate da questão ambiental de fundamental importância para a vida cotidiana.

**Palavras-chave:** cineclube, criança, cultura, meio ambiente.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Quadro 1 Principais Metas a Atingir</i> .....	34
<i>Quadro 2 Cronograma do Projeto</i> .....	36
<i>Quadro 3 Plano de Ação do evento</i> .....	57
<i>Figura 1 Marca da Instituição</i> .....	39
<i>Figura 2 Fachada da parte interna da OAF</i> .....	40
<i>Figura 3 Pintura que homenageia Dalva Mattos na parte interna da organização</i> ....	41
<i>Figura 4 WALL-E sozinho diante de um planeta Terra devastado</i> .....	46
<i>Figura 5 WALL-E e a barata</i> .....	46
<i>Figura 6 WALL-E assistindo a sua fita cassete</i> .....	47
<i>Figura 7 WALL-E ao encontrar a plantinha dentro da geladeira</i> .....	48
<i>Figura 8 WALL-E e EVA</i> .....	48
<i>Figura 9 Ao tentar entregar um copo para WALL-E, o confundindo com um dos robôs que prestam serviço na nave, o homem cai da cadeira flutuante e não consegue levantar sozinho</i> .....	49
<i>Figura 10 Humanos sedentários, alienados pelo consumismo e pela passividade proporcionada pelo avanço tecnológico</i> .....	50
<i>Figura 11 EVA e WALL-E liderando os robôs para o retorno a Terra</i> .....	51
<i>Figura 12 Imagem de divulgação do filme</i> .....	52
<i>Figura 13 Aba Minha Rede é uma aba pessoal onde pode-se ver o andamento dos projetos</i> .....	54
<i>Figura 14 Página do projeto na plataforma com todas as informações cadastrais</i> ...	54
<i>Figura 15 Camisas do projeto</i> .....	56
<i>Figura 16 Ingressos, vouchers e cartazes</i> .....	56
<i>Figura 17 Lanche para as sessões de cineclube</i> .....	57
<i>Figura 18 Buscando as crianças no período da manhã</i> .....	58
<i>Figura 19 As crianças chegando a Sala Walter da Silveira</i> .....	59
<i>Figura 20 Distribuição dos lanches</i> .....	59
<i>Figura 21 Sessão da manhã</i> .....	60
<i>Figura 22 Confecção dos desenhos</i> .....	61
<i>Figura 23 Van mandada pela UFBA</i> .....	62
<i>Figura 24 Sessão da tarde</i> .....	62
<i>Figura 25 Hortaliças cultivadas em casa</i> .....	63
<i>Figura 26 Daniel de 10 anos nos ajudando a plantar</i> .....	64
<i>Figura 27 As mudas nas garrafas PET</i> .....	64
<i>Figura 28 Horta-PET suspensa na horizontal</i> .....	65
<i>Figura 29 Eu, Óscar e Iolanda Bonfim, Pedagoga da OAF</i> .....	65
<i>Figura 30 Matéria no site do Logos</i> .....	66
<i>Tabela 1 Planilha de custos</i> .....	67

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
2.1. DELIMITAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA.....	13
2.2. ANTOPOLOGIA DA CULTURA.....	16
2.3. ANTROPOLOGIA, CRIANÇA E CULTURA.....	20
2.4. CINECLUBE.....	24
2.5. TEMÁTICA AMBIENTAL .....	27
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>29</b>
3.1. PROJETO CULTURAL.....	29
<b>4. EXECUÇÃO DO PROJETO.....</b>	<b>36</b>
4.1. PRÉ-PRODUÇÃO .....	37
4.1.1. ESCOLHA DA INSTITUIÇÃO.....	38
4.1.2. ESCOLHA DO FILME.....	42
4.1.3. IDENTIDADE VISUAL DO PROJETO .....	52
4.1.4. CAPTAÇÃO DE RECURSOS .....	52
4.2. PRODUÇÃO.....	55
4.2.1. CINECLUBE .....	55
4.2.2. HORTA-PET.....	63
4.3. PÓS-PRODUÇÃO.....	66
4.3.1. REPERCUSSÃO .....	66
4.3.2. PRESTAÇÃO DE CONTAS .....	67
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>68</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>98</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Projeto Cultural Cine Ação tem como proposta desenvolver uma ação após a exibição de uma obra cinematográfica. Essa ação decorre de um tema apontado no filme. A exibição acontece no formato de cineclube a fim de democratizar o acesso ao cinema de crianças e adolescente em situação de vulnerabilidade social abrigadas em organizações não governamentais.

Entendendo que a formação de público de produções artístico-culturais deve ocorrer nos primeiros anos de vida e que as crianças não podem ser vistas como meros receptores, este projeto não tem o objetivo de proporcionar somente o entretenimento, pretende-se utilizar o cineclube como ferramenta de exibição, difusão, debate, formação de conhecimento e análise crítica diante do tema proposto.

Esse projeto surge da vontade de oferecer condições teóricas e técnicas para que os espectadores, no caso as crianças e adolescentes, possam criar memórias, produzir conhecimento, refletir sobre o mundo e sobre suas interações sociais, ambientais e culturais por intermédio de uma produção artístico-cultural. Garantir o direito constitucional de acesso à cultural e o poder de ser sujeito de sua própria história na construção de seus registros, na produção de sua cultura.

O trabalho, como sabemos, e a ação que produz algo até então inexistente, graças à transformação do existente em algo novo. O trabalho *livre* ultrapassa e modifica o existente. Como trabalho, a cultura opera mudanças em nossas experiências imediatas, abre o tempo com o novo, faz emergir o que ainda não foi feito, pensado e dito. Captar a cultura como trabalho significa, enfim, compreender que o resultado cultural (a obra) se oferece aos outros sujeitos sociais, se *expõe* a eles, como algo a ser recebido por eles para fazer parte de sua inteligência, sensibilidade e imaginação e ser retrabalhada pelos receptores, seja por que a interpretam, seja por que uma obra suscita a criação de outras. (CHAUI, 2008, pg. 65)

O cineclube tem uma potencialidade em quanto instrumento informativo, reflexivo, educativo e construtor de significados. Mediante a troca de experiências e compartilhamento de ideias surgem novas formas de ver o mundo e interagir com ele.

O principal objetivo do projeto é promover uma ação sobre o que foi assistido, possibilitando que o público, formado por crianças e adolescentes, pratique de

alguma forma algo apreendido através da exibição do filme. Assim, toda exibição terá uma ação e toda ação seus desdobramentos.

O filme escolhido para a ação piloto foi *Wall-e (2008)*, um filme que entre outros assuntos aborda de maneira contundente a questão ambiental. O que se pretende com a exibição é conscientizar as crianças sobre a preservação do meio ambiente, deixando clara a importância delas nesse processo, não só como pessoas conscientes, mas como agentes de transformação social.

A Preservação Ambiental é um tema em voga nos últimos anos, pauta importante na academia, no governo e na mídia do mundo inteiro. O desenvolvimento sustentável é de extrema importância não apenas para o nosso bem-estar, mas sobretudo para o das gerações futuras.

Por isso, o desdobramento escolhido para compor o projeto foi a criação de uma horta sustentável na instituição, chamada de Horta-PET, por utilizar garrafas PET como suporte. Nesse caso a ideia é estimular desde cedo o contato das crianças com natureza de forma prática. Além de servir como objeto de estudo interdisciplinar e gerar situações de aprendizagem reais e diversificadas. A Horta-PET também pode auxiliar para amenizar os gastos com a alimentação das crianças e adolescentes da instituição, além de estimular a alimentação saudável.

Para desenvolver o projeto foi de fundamental importância ter em sua base teórica o desenrolar do conceito de cultura que será trabalhado no projeto, o conceito antropológico. Para isso, busquei os primeiros pensamentos voltados à cultura e a sua compreensão até chegar à concepção pretendida, com auxílio das obras de Isaura Botelho, Marilena Chauí e do antropólogo Franz Boas. Esse processo se fez necessário pela abrangência de definições, conceitos e significados do termo.

Logo após, a delimitar do conceito de cultura, busquei entender o lugar da criança na sociedade e na posição de produtor de sua própria cultura através do livro de Clarice Cohen, *Antropologia da Criança (2005)*.

Ao final do referencial teórico abordo o histórico, conceito e características do cineclube. Além de fazer um breve levantamento sobre a questão ambiental e o constante e atual debate sobre a importância de um desenvolvimento sustentável para o bem estar dessa e das futuras gerações.

Nos Processos Metodológicos e Execução do Projeto aponto as questões práticas que envolveram a criação e implementação de cada etapa do projeto, tanto do cineclube quanto da Horta-PET, produto final desse projeto piloto.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. DELIMITAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA

Para desenvolver o projeto penso que é fundamental compreender o que é cultura e definir a dimensão na qual ela será trabalhada. Um projeto pode ter como objeto de sua atuação um universo abrangente de cultura ou um universo específico das expressões artístico-cultural. Tudo vai depender do que será considerado “cultura”. A delimitação do conceito, deveras abrangente e por vezes divergente, vai ajudar a explicar, justificar e conferir sentido ao projeto. Para qualificar a discussão em torno da proposta é importante recuperar as origens do termo “cultura”, observando quais foram os sentidos adquiridos pela palavra ao longo do tempo.

Uma mínima pesquisa nos revela que “cultura” é uma arena de debate com uma alta diversidade de significados. Procurar a palavra *cultura* no dicionário significa encontrar diversos significados dentre eles: ato, arte, modo de cultivar, meio de conservar, conjunto de conhecimentos adquiridos, conjunto de hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade, etc.

O pesquisador, crítico e escritor galês Raymond Williams (1921-1988), em seu livro *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade* (1976) faz um desenvolvimento histórico, mostrando a morfologia da palavra e suas modificações de acordo com o local e o período vivido. Nesse aprofundamento no passado, define suas raízes históricas, encontradas no latim, inglês e no francês, cada uma atribuindo significados diferentes à palavra.

A p.i é o latim *cultura*, da p.r. *colete*. *Colete* tinha uma gama de significados: habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração. [...] As formas francesas do latim *cultura* eram *couture*, do francês antigo, que a partir de entoa desenvolveu seu próprio sentido especializado, e mais tarde *culture*, que por volta do início do século XV havia passado para o inglês. O sentido primordial referia-se, então, a lavoura, isto é, o cuidado com o crescimento natural. Em todos os primeiros usos, cultura era um substantivo que se refere a um processo: o cuidado com algo, basicamente com as colheitas ou com os animais. (WILLIAMS, 1976, p.117)

Têm, portanto, origens comuns as ideias de colonização, culto e cultura. Já em Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) aparece o sentido de cultura como “cultivo da alma”, mas é mesmo a partir do Renascimento que se consolida a analogia entre o cultivo natural e um desenvolvimento humano. É nesse sentido que Thomas More, Francis Bacon ou Thomas Hobbes, nos séculos XVI ou XVII, falam de “cultura da mente” ou “cultura do entendimento”. É uma metáfora derivada da analogia com o sentido material, agrícola do termo.

A partir do princípio do século XVI, o cuidado com o crescimento natural ampliou-se para incluir o processo de desenvolvimento humano, e esse, ao lado do significado original relativo a lavoura, foi o sentido principal até o final do século XVIII e início do século XIX. (WILLIAMS, 1976, p.118)

Somente no século XVIII, na França, teremos o uso da palavra cultura como um substantivo independente, sem necessidade de complementos que especificasse ao que se referia. Até o século XVIII, tratava-se sempre da cultura de alguma coisa, fossem plantações, animais ou mentes. A partir daí, segundo Williams, “o processo geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético foi aplicado e, na prática, transferido para as obras e práticas que o representam e sustentam”. Em outras palavras, firma-se ali o sentido de “cultura” como um bem que alguns possuem e outros não. Esse sentido permanece conosco, quando dizemos que alguém é “culto” ou “tem cultura”. É uma acepção excludente da palavra, que com frequência ganha contornos, inclusive, aristocráticos. Williams condenou o uso da palavra cultura como era aplicada: considerando nosso sistema evolutivo como um processo unilinear e pautado na história europeia. Para o pesquisador, deveríamos tratar de cultura como algo plural, variável de acordo com cada região e período.

A professora de filosofia Marilena Chauí (2008), defende que agora cultura se assemelha a civilização e progresso. As sociedades passam a ser medidas e comparadas pelo seu grau de civilização, que é determinado pelas suas práticas culturais. A cultura torna-se medida e critério para hierarquizar as sociedades, afirma ainda Chauí (2008), e a referência padrão é o modelo ocidental capitalista. O padrão dominante é formado pelo seu modo de organizar a economia por meio da supremacia dos mercados, das relações salariais e das trocas mercantis e pelo modelo estruturador do conhecimento adotado pelas sociedades ocidentais; às demais, restou a denominação de “sociedades primitivas”.

Esta é uma clara construção etnocêntrica das ideias, na qual se forma uma hierarquia das nações e dos povos, classificados em estágios “avançados” e “primitivos”. Estes últimos estariam fadados a desenvolver esforços para alcançar aqueles. Neste ponto, diz Cucho (1999), o termo cultura é empregado no singular para indicar o caráter universalista da ideologia iluminista, que o aproxima de “civilização”.

Isaura Botelho (2001) define as dimensões da cultura em sociológica e antropológica. A dimensão sociológica se constitui em âmbito especializado, é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. Para que essa intenção se realize, ela depende de um conjunto de fatores que propiciem, ao indivíduo, condições de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de seus talentos, da mesma forma que depende de canais que lhe permitam expressá-los.

Em outras palavras, a dimensão sociológica da cultura refere-se a um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, tendo portanto, visibilidade em si própria. Ela compõe um universo que gere (ou interfere em) um circuito organizacional, cuja complexidade faz dela, geralmente, o foco de atenção das políticas culturais, deixando o plano antropológico relegado simplesmente ao discurso.

Trata-se de um circuito organizacional que estimula, por diversos meios, a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos, ou seja, aquilo que o senso comum entende por cultura.

Na antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças, e estabelecem suas rotinas. Desse modo, a cultura fornece aos indivíduos aquilo que é chamado por Michel de Certeau, de “equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários”.

Para que a cultura, tomada nessa dimensão antropológica seja atingida por uma política, é preciso que, fundamentalmente haja uma reorganização das estruturas sociais e uma distribuição de recursos econômicos. A cultura é tudo que o ser humano elabora e produz, simbólica e materialmente falando.

Na dimensão da cultura antropológica, cada indivíduo constrói a sua volta o que Botelho chama de pequenos mundos de sentido que lhes permitem uma relativa estabilidade.

Os fatores que presidem a construção desse universo protegido podem ser determinados pelas origens regionais de cada um, em função de interesses profissionais ou econômicos, esportivos ou culturais, de sexo, de origens étnicas, de geração, etc. Na construção desses pequenos mundos, em que a interação entre os indivíduos é um dado fundamental, a socialização é um dado básico. (BOTELHO, 2001, p.2)

Ainda no artigo de Isaura Botelho, *Dimensões da Cultura e Política Pública* (2001), em uma de suas notas ao logo do texto ela cita o pensamento do historiador e filósofo francês Michel De Certeau (1925-1986) sobre a cultura antropológica.

Para De Certeau (1994:46-7) "cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinantes relacionais." As maneiras de organizar o cotidiano e de construir seus significados constituem um "fundo noturno da atividade social", o que as torna dificilmente apreensíveis pelas pesquisas, principalmente as estatísticas. (BOTELHO, 2001, p.15)

## 2.2. ANTROPOLOGIA DA CULTURA

Quando a antropologia se estabeleceu como uma ciência no século XIX, o conceito iluminista de cultura ainda imperava com seu teor extremamente político e ideológico, tomando a noção de progresso como medida de cultura.

Somente no século XX, a cultura passou a ser entendida como um conjunto de valores, crenças, costumes, artefatos e comportamentos com os quais os seres humanos interpretam, participam e transformam o mundo em que vivem. Nenhuma comunidade humana está excluída dela, embora, também com a antropologia, solidifique-se o processo que faz de "cultura" um adjetivo passível de ser usado no plural. As culturas humanas são múltiplas, diferentes, irreduzíveis entre si e, acima de tudo, não são hierarquizáveis. Na acepção antropológica do termo, não há sentido em se falar de mais ou menos cultura, ou de culturas superiores ou inferiores a outras. Todos os povos produzem sentido a partir de suas experiências coletivas.

Durante a pesquisa para a construção do projeto se fez necessário buscar a conexão entre cultura e antropologia, pois essa será a dimensão da cultura trabalhada durante a concepção do produto. Para isso, faz-se necessário o uso das obras e conceitos do antropólogo Franz Boas.

Franz Boas (1858-1942) nasceu na Alemanha, mas produziu suas principais obras nos Estados Unidos, para onde foi em 1887, ensinando na Universidade de Clark, na cidade de Massachussets e posteriormente na Universidade de Colúmbia, em Nova York. Neste período a Antropologia ainda não era uma ciência estabelecida. Boas, expões em suas obras temas discutidos até hoje, como o conceito de cultura e a ligação com a educação e seus desdobramentos. Seu reconhecimento como antropólogo veio a partir de uma de suas principais obras, *The mind of primitive man* (1911).

Franz Boas é considerado o pai fundador da moderna antropologia cultural. A cultura é um dos temas mais abordados nas suas teorias. Ele defendia o relativismo cultural, acreditando na autonomia da cultura, na sua singularidade, na sua particularidade, em sua forma empírica, valorizando os costumes, pois os costumes, segundo Boas, são manifestações de cultura. Boas, assim, “destacou a necessidade de estudar cada cultura de modo singular, destacando mais as diferenças que as similaridades entre elas” (PEREIRA, 2011, p. 109). Para isso, contestou a generalizações que a teoria evolucionista imponha sobre as particularidades culturais.

Em lugar de uma simples linha de evolução, aparece uma multiplicidade de linhas (convergentes e divergentes) difíceis de serem unidas num sistema. Em vez de uniformidade, a característica notável parece ser a diversidade. (BOAS, 2004, p.54)

A essência da teoria evolucionista cultural do século XIX era a concepção de história progressista herdada do pensamento iluminista, na qual a história da humanidade flui uniformemente segundo leis universais. Essas ideias de evolução, progresso da humanidade e linearidade da cultura humana emergiram durante o século XVIII. “Pensadores como Voltarie, Kant ou Condorcet acreditavam num movimento ascendente da humanidade em direção a um Estado ideal” (BOURDÉ e MARTIN, 1983, p.44). Havia, portanto, uma hierarquia cultural. Para esses autores

não existiam “culturas”, mas sim “cultura”, uma única, que iria evoluindo no decorrer do tempo.

Na teoria evolucionista as palavras-chave eram evolução, estágios e origens, onde desde uma determinada origem, os valores culturais humanos haviam passado por estágios sucessivos de evolução. E esses estágios eram divididos em três partes: a selvageria, o barbarismo e a civilização. O último estágio seria o referente às sociedades ocidentais, notadamente Europa e Estados Unidos. Percebe-se aí um forte etnocentrismo. Os nomes de destaque do evolucionismo cultural também chamada de teoria do “progresso” são os de Edward B. Tylor, Lewis Morgan e James Frazer.

Boas discordava da tradição evolucionista. Ele representou um marco de ruptura com o princípio do evolucionismo cultural, tanto nos aspectos teóricos quanto nos práticos. Ele considerava improvável a possibilidade de uma regra geral para o comportamento humano. Boas propunha um método que estudasse as mudanças em uma única sociedade/cultura. Para ele era mais importante entender os processos culturais que ocorrem no presente do que propor grandes leis de desenvolvimento da civilização. Boas defende uma antropologia que enxergue a cultura como um conjunto de diversos fatores, como uma totalidade. Como algo impossível de ser resumido em leis, tais como ocorre muitas vezes nas ciências biológicas.

O livro *Antropologia da Criança* (2005), da doutora em antropologia pela USP e professora da Universidade Federal de São Caetano, Clarice Cohn, entre outras abordagens, também fala da relação entre cultura e antropologia.

Na revisão do conceito de cultura, os antropólogos, ao invés de tomá-la como algo empiricamente observável e delimitado, cada vez mais abdicam de falar em costumes, valores ou crenças para frisar que o que de fato interessa está mais embaixo. Ou seja, não são os valores ou as crenças que são os dados culturais, mas aquilo que os conforma. E o que os conforma é uma lógica particular, um sistema simbólico acionado pelos atores sociais a cada momento para dar sentido a suas experiências. Ele não é mensurável, portanto, e nem detectável em um lugar apenas – é aquilo que faz com que as pessoas possam viver em sociedade compartilhando sentidos, porque eles são formados a partir de um mesmo sistema simbólico. Se quisermos tentar uma analogia, pensemos os valores como as palavras em uma frase, e a cultura como o sistema linguístico que permite que as pessoas articulem as palavras, as frases e as ideias de um modo que faça sentido para si e para os outros. Utilizamos desse sistema simbólico todos os dias, embora não o conheçamos por inteiro, nem

tenhamos consciência de o fazer. É como a gramática que permite que articulemos uma fala – pode ser conhecida, mas não precisa ser retomada conscientemente pelo falante. (COHN, 2005, p.19)

Tomando a cultura desse modo, entendemos melhor seu funcionamento e também sua mudança. Isso porque a cultura não está nos artefatos nem nas frases, mas na simbologia e nas relações sociais que os conformam e lhes dão sentido. Assim, um texto, uma crença ou o valor de vida em família podem mudar, sem que isso signifique que a cultura mudou ou se corrompeu. A cultura continuará existindo enquanto consistir esse sistema simbólico. Nesse sentido, está sempre em formação e mudança. (COHN, 2005, p.20)

Seguindo o sentido dessa discussão sobre a cultura dentro da ciência antropológica, não tem sentido um produtor cultural ou qualquer outro profissional da área cultural, dizer que vai “levar cultura para o povo”, uma vez que, nenhuma comunidade humana está excluída do âmbito cultural, qualquer povo está inserido em sua cultura. Do mesmo jeito que é contraditório o pensamento de que os produtores culturais ou qualquer outro profissional da área de cultura esteja à parte, classificando os outros como meros consumidores. A humanidade está inserida em sociedades onde existem culturas múltiplas, diferentes e não hierarquizáveis.

Na definição antropológica do termo, não há sentido em se falar de mais ou menos cultura, ou de culturas superiores ou inferiores a outras. Todos os povos produzem sentido a partir de suas experiências coletivas. A cultura é a totalidade das formas em que um povo produz e reproduz suas relações com os sentidos do mundo. O que está em questão aqui é a valorização da cultura nas experiências cotidianas e a construção de pontes entre os muitos fazeres culturais artísticos comercialmente oferecidos à sociedade. Consolidando dessa forma a concepção democrática de cultura.

A cultura é dimensão fundamental para a transformação social, sua base permeia a organização da sociedade. Toda a teoria descrita até aqui é perfeitamente aceitável em uma sociedade bem estruturada, porém infelizmente não cabe a nossa realidade desigual, isso resulta em uma hierarquia cultural reflexo da hierarquia social existente.

Dentro deste cenário percebe-se que sentidos ultrapassados de cultura, que não caberiam nas discussões atuais, persistem em existir. Um deles é que algumas pessoas possuem cultura e outras não. Essa concepção estabelece diferença de

nível. Cultura, nesse sentido, seria um conjunto formado por nascimento, posição social, privilégios, educação e criação, que se traduziria em ideias e comportamentos.

É com essa preocupação que Chauí (2008) relacionou as variações da ideia de “cultura popular” — desde uma perspectiva romântica (que “vê” a cultura como a “expressão do espírito do povo”), até à perspectiva iluminista (que a identifica como “superstição e ignorância”, passível de ser corrigida pela educação).

### **2.3. ANTROPOLOGIA, CRIANÇA E CULTURA**

A antropologia é uma ciência social que tenta entender um fenômeno em seu contexto social e cultural. Fenômeno social corresponde aos comportamentos, ações e situações observadas em determinadas sociedades, organizações e grupos. Não podemos falar de criança sem entender como a sociedade na qual ela está inserida pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que elas ocupam nessa sociedade, essas são questões levantadas por Clarice Cohn, no livro *Antropologia da Criança* (2005).

A infância é convencionalmente o período do desenvolvimento do ser humano, que vai do nascimento ao início da adolescência. O conceito de infância estabelecido historicamente tem caracterizado a criança como um ser incompleto em relação ao adulto (ser completo), ou seja, a criança é um adulto em miniatura. Assim entende-se que a criança é imperfeita e precisa ser formada por modelos e pelos conhecimentos determinados pelos adultos que são idealizados como estágio mais evoluído de um ser humano. Considera-se a criança como indivíduo incapaz de modificar o mundo, mas por ele ser ativamente modificado, através da assimilação passiva dos conteúdos culturais produzidos pelos adultos. Assim, a tendência é pensar que o que é produzido, o que é feito para criança é mais fácil.

Perrotti (1990) caracteriza a dinâmica própria da infância pela sua relação com a cultura adulta. Nos apresenta uma visão crítica da produção cultural e enfatiza a importância de discutir a produção cultural para crianças com base na definição do lugar dessa criança na cultura e do que seja a própria cultura. Se acreditarmos que a cultura é apenas acumulação da experiência e sua transmissão, aceitaremos um

papel passivo da criança no processo cultural; mas se identificarmos a cultura como criação e recriação de si, do outro e do mundo, poderemos conceber a criança como sujeito ativo, “(...) recebendo e fazendo cultura no mesmo tempo” (PERROTTI, 1990, p. 18).

Segundo Clarice Cohn, ainda assim deve-se tomar cuidado ao falar-se de cultura infantil, pois o termo nega as particularidades socioculturais. “(...) para não incompatibilizar o que as crianças fazem e pensam com aquilo que outros, que compartilham com ela uma cultura mas não são crianças, fazem e pensam”. (COHN, 2015, p. 36). O que há é um compartilhamento, pode-se dizer que uma troca, nunca uma oposição ou incompatibilidade.

As produções culturais podem contribuir para criar situações importantes de aprendizagens culturais, educativas e estéticas, transformando tais vivências em experiências culturais de formação. Infelizmente, o acesso a bens culturais é restrito apenas a uma parcela da população.

Dentro desse contexto, a antropologia nos mune com ferramentas para estudar a relação da criança com a cultura e seus desdobramentos. Como já vimos, não existe indivíduo sem cultura, qualquer pessoa inserido em uma sociedade é provido de cultura, ou melhor *culturais*, uma vez que, uma pessoa pode está inserido em diversas comunidades que são integradas na vida social caracterizando-se pelo cotidiano em conjunto, intimidade, laços entre pessoas seja pelas relações de parentesco, relações de afinidades, de coabitação territorial ou/e afinidade espiritual. Diferentes tipos de situações, apoiadas em fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais, tudo que a cultura engloba.

Em seu livro Cohn, classifica a criança como “produtora de cultura”, reformulando a visão de que elas são mera consumidora. Todos que fazem parte da sociedade produzem e consomem cultura simultaneamente.

Quando a cultura passa a ser entendida como um sistema simbólico, a ideia de que crianças vão incorporando-a gradativamente ao aprender “coisas” pode ser revista. A questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos (sejam eles objetos, relatos ou crenças), mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia. Portanto, a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos sabe outra coisa. Isso não quer dizer que a antropologia da criança recente se confunda com análises do desenvolvimento cognitivo; ao contrário, dialoga com elas. A questão, para a antropologia, não é saber em que condição cognitiva a criança elabora

sentidos e significados e sim a partir de que sistema simbólico o faz. (COHN, 2015, p. 33-34)

Para as crianças o importante é a qualidade das informações que lhes são transmitidas, pois essas informações irão formular a noção de mundo que essa criança virar a ter. Tudo que é aprendido vai para nosso banco de memórias, que é ativado quando alguma coisa relacionada ao assunto surge.

Estudos desse tipo nos mostram, portanto, que as crianças não são apenas produzidas pelas culturas mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto. Essa autonomia deve ser reconhecida, mas também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos. Negá-lo seria ir de um extremo ao outro; seria afirmar a particularidade da experiência infantil sob o custo de cunhar uma nova, e dessa vez irreduzível, cisão entre os mundos. Seria tornar esses mundos incomunicáveis. (COHN, 2015, p. 35)

No Brasil há o estigma da criança “vir-a-ser” o cidadão que salvará o futuro da nação. Como podemos responsabilizar as crianças por um futuro glorioso, como se pode pensar em futuro se no presente não rendemos mecanismos para essas crianças se desenvolver e descobrir o mundo e a si mesma da melhor forma possível? Deixamos nossas crianças a mercê da Indústria Cultural com um controle superficial sobre o que é consumido por elas. É preciso parar de imaginar a criança como um “vir-a-ser” e cuidar do seu “aqui e agora”. Defender a concepção que reconhece na infância seu poder de imaginação, fantasia e criação, entendendo que as crianças produzem cultura e possuem um olhar crítico sobre o mundo, “(...) com o reconhecimento da criança como sujeito social ativo e atuante, produtor mais que receptor de cultura”. (COHN, 2015, p. 42)

Além do mais, tudo que compreendemos vai para o nosso “banco de memória”, que é sempre ativado quando alguma coisa relacionada ao assunto surge. Nessa fase da vida o importante é a qualidade da informação e a forma como ela chega à criança. “(...) fragmentação das informações e a construção de um conhecimento múltiplo e variado são condições da reprodução da memória histórica e da construção da identidade do grupo”. (COHN, 2015, p. 39)

A palavra cultura, seja ela no singular ou no plural, aparece doze vezes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em trechos que assegura o direito e o acesso à mesma. O ECA instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990 é a legislação que explicita a implementação da proteção integral constitucionalmente estabelecida no artigo 227 na Constituição Federal de 1988.

**Art. 227.** É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

Assim, estabelece medidas concretas para a garantia dos direitos de crianças e adolescentes. Responsabiliza nominalmente a família, a comunidade, a sociedade e o Estado pelo bem-estar e saudável desenvolvimento da infância e da juventude. É o marco legal e regulatório dos direitos humanos de crianças e adolescentes.

Literatura, cinema, textos jurídicos e legislação, documentos e instituições de assistência à criança, e muitos mais podem ser fontes ricas para a reflexão sobre o que é ser criança e sobre sua ação no mundo em contexto específico. (COHN, 2015, p. 48)

No capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente intitulado, Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, o artigo 58 diz que: “No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura.” E o artigo 59 que: “Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.”.

No artigo 71: “A criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.

O artigo 94, fala das obrigações que entidades que desenvolvem programas de internação têm, e entre outras destaco: “XI - propiciar atividades culturais, esportivas e de lazer; XII - realizar atividades culturais, esportivas e de lazer”.

O direito a cultura é assegurado por lei, e cabe a sociedade exigir esse direito. A proposta aqui é construir um entendimento que possa ser compartilhado. Uma forma de partilhar ações e significados e produções artístico-culturais são janelas abertas para o diálogo com o espectador, que nesse processo passa a ser produtor de suas próprias experiências e memórias.

A cultura dá a criança o poder de imaginar, fantasiar, criar e entender o real. A produção cultural é aqui entendida como uma experiência para além do entretenimento, do consumo e do lazer. É uma experiência que passa além do tempo vivido e permite deixar rastros para além do tempo presente. As produções artístico-culturais auxiliam na forma de ler e narrar o mundo de forma lúdica e ainda assim direta.

## **2.4. CINECLUBE**

Nesta perspectiva, o cineclube – com suas histórias contadas através de imagens, sons e movimentos – pode garantir formas de trabalho com as diferentes linguagens, que podem ser ampliadas por meio de debates e interações, avaliando a importância que é propiciar para a criança esse espaço como forma de compreensão do mundo, das culturas e de si.

O dicionário define cineclube como uma “associação que reúne apreciadores de cinema para fins de estudo e debates, e para exibição de filmes selecionados”, mas ele vai muito além disso. Esse espaço serve como ferramenta de democratização do acesso ao cinema para maiores parcelas da população.

Os primeiros cineclubes surgiram na França, no início do século XX e se consolidaram como espaços alternativos nos quais se reuniam intelectuais e amantes da sétima arte para assistir filmes e discutir a qualidade do cinema, valor de mercado, artístico e estético.

No Brasil, o Cineclubismo inicia-se oficialmente em 1928, com o Chaplin Club, no Rio de Janeiro. Com o passar do tempo foi criado o CNC – Conselho Nacional de Cineclubes, em 1961 (hoje denominado Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros), uma entidade que busca o desenvolvimento das políticas públicas para

o audiovisual, participando das ações e propondo espaços para a expansão da ação cineclubista.

Os cineclubes foram responsáveis pela formação cinematográfica de grandes cineastas como os brasileiros Glauber Rocha, Cacá Diegues, o francês Jean-Luc Godard e o alemão Wim Wenders.

No último levantamento feito pelo CNC, em 2013, haviam 1370 cineclubes no país, um número expressivo concentrado em cidades com até 20 mil habitantes, onde não há salas de cinema e o contato audiovisual está concentrado, em sua grande maioria, nos canais de televisão abertos, na venda de DVDs (muitas vezes alimentando o mercado da pirataria) e restritos a poucos pela internet. Desse número 440 eram filiados ao Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros.

Felipe Macedo (2004) ressalta a importância de se conhecer o verdadeiro sentido do cineclubes e as características fundamentais que constituem a atividade.

Pela palavra “clubes” ser por muitas vezes associada diretamente a algo fechado, conseqüentemente elitista e não a uma associação, uma coletividade, o sentido de cineclubes acaba sendo preestabelecido erroneamente.

É preciso compreender o que é um cineclubes – até porque a confusão gerada em torno do conceito favorece justamente uma visão em que os cineclubes não têm um papel muito claro. Sua importância se dilui quando não se conhecem seus objetivos, suas realizações, como sua estrutura específica se estabelece e opera dentro das comunidades e do processo cultural. (MACEDO, 2004)

Definindo-se e compreendendo corretamente o papel do cineclubes, pode-se caracterizá-lo, sem esquecer que a depender do local e situação há diferentes formas de organização e atuação.

Três características, quando juntas, são exclusivas dos cineclubes, os distinguem de qualquer outra atividade com cinema e, ao mesmo tempo, abrangem uma ampla gama de formas e ações que os cineclubes desenvolvem nos mais diferentes contextos. (MACEDO, 2004)

As duas primeiras características são o fato de não terem fins lucrativos e a construção a partir de uma estrutura democrática. Essas características simples são basilares para a construção do cineclubes, não existe cineclubes sem essas características. A terceira é mais ampla e varia bastante levando em conta diversas

variações de lugar, objetivos, público entre outros. A característica é voltada para o compromisso que o cineclube irá assumir. Essas três “leis” do cineclube excluem todas as outras formas de atividade com cinema que o senso comum e a ausência de reflexão identificam como cineclubes. (MACEDO, 2004)

Hermano Figueiredo (2004) aborda a retrospectiva histórica do cineclube, a época em que tiveram a maior evidência e a sua importância no processo de desenvolvimento e resistência.

O movimento cineclubista teve época áurea, o período compreendido entre o final dos anos 60 até a primeira metade da década de 80. Mais do que realizar exhibições e discussões sobre filmes, as agremiações tornaram-se centros de debates sobre a conjuntura social política e estética brasileira. (FIGUEIREDO, 2004)

Nesse período havia uma concentração cineclubista voltada para política, para os ideais de esquerda e firmada por uma postura declaradamente demarcada de oposição à ditadura militar. Muitos dos filmes exibidos eram censurados. Mas, após o término do período de ditadura militar e com a reorganização da sociedade civil, aliado ao surgimento de novas tecnologias na década de 80 como o videocassete, os cineclubes tiveram que se renovar. Foi nesse período que surgiram novas vertentes.

A outra vertente é representada pelos cineclubes que se lançaram às periferias das capitais ou cidades de interior, numa ação de democratização do acesso ao cinema para maiores parcelas da população, como foi o caso de alguns cineclubes da Federação do Rio de Janeiro e da Bahia, bem como o Cineclube Tirol de Natal/RN. (FIGUEIREDO, 2004)

Macedo (2011) e Cesconetto (2011) destaca-se o papel dos cineclubes hoje. A atuação desse espaço, no contexto onde o modelo de cinema comercial contempla apenas 10% da população brasileira, 1% se considerar somente filmes brasileiros.

O cineclube contemporâneo (e muito especialmente no Brasil), recuperando o seu sentido mais original, tem sobretudo uma dimensão comunitária e uma vocação de mediação e representação, através do audiovisual, dessas populações. Desses públicos, compreendidos como antítese da postura *spectatorial*, como sujeitos conscientes de seus interesses e papel na sociedade. (MACEDO e CESCOINETTO, 2011)

Destacam a função de democratização do acesso assumida pelos cineclubes e a sua permanência cada vez mais frequente em locais longínquos geograficamente e meios sociais em que o cinema comercial não chega.

Hoje os cineclubes estão situados em cidade onde não há salas de cinema, nos bairros de centros urbanos mais importantes cujas populações não têm recursos para frequentar o que se tornou um entretenimento caro, assim como em vários outros tipos de comunidades excluídas do referido modelo por sua condição social, econômica, ética, comportamental, etc. (MACEDO e CESCO NETTO, 2011)

Balensifer (2010), Mota (2010), e Acselrad (2010) ressaltam dois aspectos fundamentais do cineclube, após a experiência obtida na implantação de um cineclube na Universidade de Fortaleza (UNIFOR): a reflexão e a interação. Um cineclube permite que pessoas conheçam-se e compartilhem experiências.

O cinema é uma importantíssima ferramenta cultural e intelectual, tanto para aqueles que o produzem quanto para os que o assistem. Não é apenas entretenimento, é comunicação, reflexão, arte, desafio e conhecimento. Um cineclube permite que pessoas conheçam-se, compartilhem experiências e dúvidas. O costume de assistir a um filme individualmente não permite a mesma troca de ideias e impressões que um clube. (BALENSIFER, MOTA e ACSELRAD, 2010)

Outro aspecto educacional levado em consideração dentro do contexto do cineclube é o estímulo a produção de texto e a produção de conhecimento a partir do contato com as obras cinematográficas.

## **2.5. TEMÁTICA AMBIENTAL**

A degradação ambiental, as mudanças climáticas progressivas, o desmatamento, o aquecimento global, efeito estufa, extinção dos animais, o racionamento de água, a poluição provocada pelas grandes indústrias e pela falta de educação ambiental dos indivíduos, todas essas questões são bastante evidentes em nossa sociedade. Diariamente os jornais noticiam novas catástrofes e mesmo

assim, todas essas questões parecem tão distantes de nós, pois ainda não nos afeta diretamente, ou melhor, temos a mera ilusão de que não nos afeta.

Mesmo ainda sem visualizar medidas contra o consumismo desenfreado dos seres humanos é possível perceber o aumento da preocupação ambiental, pelo menos entre os governantes. O histórico das discussões mundiais sobre o meio ambiente<sup>1</sup> só alcança a visibilidade e a importância que tem hoje ao final do século XX. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, de 1972, em Estocolmo, é considerada o marco das discussões globais sobre o tema. Abordou-se, pela primeira vez, a produção industrial dos países ricos como causa importante da degradação da natureza.

Atualmente, a mudança climática e o desenvolvimento sustentável são assuntos tratados anualmente na cúpula do Grupo dos 20<sup>2</sup> (G20), um grupo formado por países com as mais expressivas economias do mundo, que juntos debatem os caminhos para manter estável a economia do planeta e definir estratégias econômicas sustentáveis, grupo este que o Brasil faz parte como país emergente.

A definição mais aceita para desenvolvimento sustentável<sup>3</sup> é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.

Mas há medidas sustentáveis que se adotadas pela população diminuiria o risco de devastar os recursos naturais e assim garantir o bem estar das próximas gerações, como separar o lixo em casa, economizar água e reduzir o consumismo medidas simples que podem fazer a diferença em um futuro próximo. É importante se ter consciência das medidas que podemos adotar para amenizar os malefícios do homem a natureza.

---

<sup>1</sup> Disponível em: < <http://www.politize.com.br/desenvolvimento-sustentavel-o-que-e/>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://www.politize.com.br/g20-o-que-e/>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

<sup>3</sup> Disponível em: < [http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/questoes\\_ambientais/desenvolvimento\\_sustentavel/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/)>. Acesso em: 7 jul. 2017.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1. PROJETO CULTURAL

##### **Apresentação**

O Projeto Cultural Cine Ação é um trabalho de conclusão de curso de Produção em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Comunicação (FACOM), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O projeto tem como proposta desenvolver uma ação após a exibição de uma obra cinematográfica. Essa ação decorre de um tema apontado no filme. A exibição acontece no formato de cineclube priorizando não somente a exibição, mas também a interação do público.

O projeto se divide em duas partes: a primeira com sessões de exibição do filme acompanhadas de bate-papo. A segunda com o desempenho de uma atividade que envolva diretamente o tema discutido no filme.

O público alvo desse projeto piloto são as crianças e adolescentes da Organização de Auxílio Fraternal (OAF), na faixa etária de 07 a 14 anos. O filme escolhido para a exibição na Sala Alexandre Robatto foi *WALL-E (2008)*, uma animação de classificação livre, que entre outros assuntos aborda a importância da Preservação do Meio Ambiente.

A segunda etapa consiste na criação de uma Horta-PET na instituição. A horta prioriza as plantas de consumo, como hortaliças, por influenciar o consumo sustentável, serem de fácil manejo e por contribuírem para a boa alimentação das próprias crianças e adolescentes. Todas as hortaliças foram plantadas com o auxílio de garrafas PET, assim também se pode abordar a questão da reciclagem e da coleta seletiva.

A metodologia utilizada no projeto é a pesquisa-ação, pois alinha a pesquisa com a aplicação prática, reunindo condições para uma reflexão crítica sobre a problemática sociocultural da importância da cultura na infância. O projeto possui uma base empírica que foi concebida e realizada através de uma ação colaborativa.

## Justificativa

Uma pesquisa de público realizada pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) entre os anos de 2013 e 2014, com amostra de 2.400 entrevistas, com distribuição geográfica em 139 municípios de 25 estados, das cinco regiões que compõem o país, apontou que o brasileiro não tem o hábito de frequentar espaços culturais ou ir a eventos culturais.

Dentre as perguntas propostas na pesquisa foi indagado aos entrevistados quais as atividades que gostariam de fazer nas horas livres se não tivessem que se preocupar com tempo, dinheiro ou permissão de alguém. De 23 respostas preestabelecidas, ir a eventos culturais apareceu na 14<sup>o</sup> posição na escolha dos entrevistados, ficando atrás de respostas como descansar e não fazer nada, atividades religiosas, assistir TV e por incrível que pareça trabalhar.

Na mesma pesquisa foi perguntada a frequência das pessoas em relação a atividades culturais: “Agora vou falar algumas atividades culturais e gostaria que você me dissesse quais você fez nos últimos 30 dias, ou nos últimos 12 meses, algumas vez na vida ou se nunca fez, conforme as respostas desse cartão... Quanto tempo faz que você foi ou fez? ”. A estimativa foi realizada por meio de porcentagem. Ir ao cinema, assistir a um filme teve 78% dos entrevistados respondendo já fiz, 19% sim, nos últimos 30 dias, 17% sim no último ano, há mais de um mês, 42% sim, mas faz mais de um ano e 22% nunca fui ou fez na vida.

Há uma grande preocupação no campo da cultura em relação à formação de público, se os produtores percebessem o encantamento que as crianças têm diante de uma produção cultural perceberiam que é essa a demanda imediata da produção cultural. Não podemos pensar nas produções culturais como um simples entretenimento, a produção cultural é um instrumento de conscientização, um motor que aciona o pensar e o sentir.

O público infantil sofre com a carência de produções artístico-culturais. Os conteúdos disponíveis para esse público são frutos da cultura de massa e da indústria do entretenimento. Nem se quer há uma discussão sobre esse assunto, ignorando a lógica de que se uma criança não tem contato com atividades culturais na infância, muito provavelmente não terá um hábito cultural em sua vida adulta.

Na atual realidade da educação no Brasil, e diante de medidas como a reforma curricular que tira de sua base disciplinas como Sociologia e Educação Artística, mais do que nunca há necessidade de se trabalhar arte e cultura em temas transversais, para que se criem formas de inserir hábitos culturais no cotidiano das crianças. Essas questões devem ter seu espaço garantido nos debates, encontros, seminários e congressos de cultura.

Um cineclube é a prova de que é possível interligar entretenimento e reflexão sobre a realidade, produção de conhecimento e diversão, é possível educar saindo da rotina. As expressões artístico-culturais não substituem medidas educativas, mas auxiliam no caminho para o conhecimento.

O formato cineclube foi escolhido pela forma democrática de acesso a exibição, pelo compromisso com a difusão e fruição do cinema sem fins lucrativos, priorizando a acessibilidade ao lucro, se diferenciando do cinema de circuito comercial.

O cineclube também se diferencia por ir além do entretenimento, esse formato tem como uma de suas diretrizes o compromisso cultural, social e/ou educativo, dependendo do público e local de instalação. Atrevo-me a dizer que o Cine Ação Cultural se encaixa nos três compromissos, pois é direcionada a uma parte da população infantil que não acessa espaços culturais com frequência devido suas condições sociais e por ter desdobramentos que são interligados com princípios educacionais e sociais.

A discussão após a exibição, outra característica do cineclube, proporciona a reflexão sobre o que se assiste, o debate de ideias é extremamente importante para refletir sobre a experiência cinematográfica buscando incentivar a produção de conhecimento sobre a obra. Não me refiro a trabalhar o conteúdo mais técnico do cinema, mas a conversar sobre o conteúdo, o tema, personagens e a linguagem proposta.

A arte nos faz refletir e muitas vezes nos provoca catarse. Ela nos proporciona vivências enriquecedoras em experiências prazerosas. A curiosidade, a sede por novas descobertas e por aventuras, existentes nas crianças deve ser aproveitada, não para criarmos um mundo de ilusão, mas para criarmos pessoas conscientes.

Quando se trabalha com o público infantil, não se deve pensar somente em produções que visem o lucro, o pensamento ao longo prazo também faz parte dos

princípios de formação de público. A criança que vai hoje gratuitamente para uma sessão de cinema, para um espetáculo teatral é a mesma que anos depois irá pagar para ir a uma sessão de cinema e a uma peça teatral, isso é formação de público. Não adianta querer que uma pessoa crie um hábito sem um incentivo, se fosse assim, nenhum espetáculo gratuito ficaria sem plateia. É preciso criar um vínculo com o espectador, é necessário que seja despertado o interesse nele.

Nós, produtores culturais, devemos ter noção de que as crianças não são passivas no mundo, elas são produtoras de suas próprias histórias, só não têm a consciência disso. Por esse motivo, nos que temos a consciência, devemos assumir o compromisso de trabalhar na formação de valores, inspirando atitudes, as munindo de informações de qualidade e de um ambiente propício para futuras boas escolhas.

A exibição de um filme é uma proposta que pode integrar várias áreas do conhecimento. Com a exibição do filme *Wall-e (2008)* pretende-se trabalhar o viés do meio ambiente, mas o filme dá margem para trabalhar diversos outros temas, temos que começar a enxergar a moral por traz das animações, assim como nas fábulas, os filmes nos abre um leque de opções, que trabalhadas juntamente com ações desenvolvidas com as crianças nos permite despertar nelas o olhar e o pensamento crítico através de um aprendizado mais prazeroso.

Para gerar uma qualidade de vida sustentável, se faz necessário pensar sobre as condições do meio ambiente e as ações do homem em seu habitat. Tendo consciência disso, se faz necessário iniciar a formação de cidadãos conscientes com a preservação do meio ambiente desde a infância, as conscientizando ética e moralmente da importância que o meio ambiente tem para as nossas vidas.

As crianças podem ser aliadas na conscientização e sensibilização da população em geral, mediante o constante agravamento dos problemas ambientais ocasionados pela sociedade atual. Quanto mais cedo às crianças vivenciarem experiências que estimulem princípios bons como o respeito e a harmonia com o outro e com o meio ambiente, melhores adultos estarão sendo formados, serão pessoas capazes de transformar o mundo no qual estão inseridas, pois as crianças são agentes de transformação.

No Brasil, diferente do que se pensa, a maioria das crianças e adolescentes acolhidas nos abrigos não são órfãs, elas têm família, mas são crianças que sofreram algum tipo de violação de direito, como, violência física, sexual, psicológica ou negligência. Essa condição faz com que os chamados orfanatos dessem lugar ao Serviço de Acolhimento Institucional ou Familiar.

Existem cinco modalidades específicas de serviço de acolhimento no Brasil, sendo eles: Abrigos, Casas de Passagem, Casas Lares, Repúblicas e Famílias Acolhedoras. Cada caso de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

Segundo dados atuais do Cadastro Nacional de Adoções<sup>4</sup> há 7.885 crianças cadastradas, sendo que a maioria 8.37% tem 15 anos de idade, um total de 660 crianças nessa faixa etária.

As crianças e adolescentes que vivem nesses abrigos devem ter todos seus direitos garantidos, e dentre eles está o direito de desfrutar das mesmas condições que crianças e adolescentes criados no seio da família biológica. Por outro lado, há uma carência de projetos culturais voltados para esse público. O que há na maioria das vezes são projetos pontuais, que não têm continuidade para atender a esse segmento da população.

O Cine Ação é um projeto piloto no formato de cineclubes que almeja ser implantado em diversas instituições prestadoras do serviço de acolhimento de crianças e adolescentes em Salvador. Com o principal objetivo de suprir a carência de iniciativas culturais contínuas voltadas a esse público específico.

## **Objetivo Geral**

Promover a inclusão sociocultural de crianças e adolescentes da OAF.

---

<sup>4</sup> Relatório Estatístico do Cadastro Nacional de Adoção disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/cnanovo/pages/publico/index.jsf>>. Acesso em: 09 ago. 2017

## Objetivos Específicos

- Promover o cineclube;
- Exibir o filme WALL-E;
- Promover um bate-papo sobre a temática ambiental atrelada ao filme;
- Construir uma Horta-PET na Organização de Auxílio Fraterno;
- Registrar a experiência das crianças em forma de depoimentos, fotografias e desenhos.

## Metas

Atividade	Unidade de Medida	Qtde. <sup>5</sup>	Data/ Período (início e fim)	Local de realização		Qtde. estimada	Qtde. atingida
				Município	Espaço Cultural		
Cineclube	Exibição do filme	2	25/07/2017 (turnos vespertino e matutino)	Salvador	Sala Alexandre Robatto	30 crianças	35 crianças
Cineclube	Bate-papo	2	25/07/2017 (turnos vespertino e matutino)	Salvador	Sala Alexandre Robatto	30 crianças	35 crianças
Horta-PET	Plantação de mudas	1	01/08/2017 (turnos vespertino e matutino)	Salvador	Organização de Auxílio Fraterno	15 mudas	36 mudas

Quadro 1 Principais Metas a Atingir

<sup>5</sup> Qtde. é uma abreviação da palavra quantidade.

## Avaliação dos Resultados

Indicadores dos resultados previstos:

- Quantidade de público previsto atingido;
- Registros fotográficos e depoimentos sobre o projeto;
- Construção da Horta-PET;
- Depoimentos e desenhos feitos pelas crianças ao término do projeto.

## Público Alvo

O público alvo direto é formado por crianças e adolescentes com idades entre 07 e 14 anos abrigadas na Organização de Auxílio Fraternal (OAF), uma organização não governamental, constituída sob a forma de associação sem fins lucrativos. O público alvo indireto é formado pelos voluntários da organização que acompanharam as crianças nas ações.

## Cronograma Previsto

<b>Fase</b>	<b>Atividade</b>	<b>Início</b>	<b>Final</b>
<b>Pré-Produção</b>	Listar os orfanatos de Salvador	08/05/2017	15/05/2017
	Entrar em contato com os orfanatos pré-selecionados	15/05/2017	30/06/2017
	Entrar em contato com as salas de cinemas	15/05/2017	30/06/2017
	Fazer orçamento	03/07/2017	21/07/2017

	Buscar apoio para transporte, alimentação e equipe de produção	01/06/2017	17/07/2017
	Fazer a identidade visual da marca	30/06/2017	07/06/2017
	Comprar e organizar itens necessários para a produção	17/07/2017	21/07/2017
<b>Produção</b>	Realizar entrevista com representantes da OAF	18/07/2017	24/07/2017
	Realizar visita ao cinema	19/07/2017	19/07/2017
	Realização do cineclube	25/07/2017	25/07/2017
	Realização a Horta-PET	01/08/2017	01/08/2017
	Registro fotográfico, desenhos e depoimentos do público	25/07/2017	01/08/2017
<b>Pós-Produção</b>	Avaliação de resultados	28/07/2017	08/08/2017
	Prestação de contas	02/08/2017	08/08/2017

Quadro 2 Cronograma do Projeto

#### 4. EXECUÇÃO DO PROJETO

Nesta etapa do memorial, falarei em primeira pessoa dos processos de pré-produção, produção e pós-produção necessários para a realização do projeto.

#### 4.1. PRÉ-PRODUÇÃO

O projeto passou por muitas mudanças até chegar ao seu escopo atual. A ideia inicial de produto era a implantação de forma paulatina de um cineclube no município do Conde. O objetivo era implementar um espaço democrático, sem fins lucrativos, que estimulasse o público a ver e discutir o cinema. Dando acesso as mais diferentes cinematografias, valorizando a experiência da difusão/exibição e interação. E, através da experiência estimular a reflexão sobre a realidade. O Conde é um município localizado no Litoral Norte da Bahia, há 187 Km de Salvador, com uma população estimada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2015 de 26.194. O município não dispõe de espaços culturais com programações de expressões artístico-culturais regulares. A vontade de realizar um projeto nesse lugar em específico partiu da ligação familiar que tenho com o município, da ambição que sempre tive em montar um espaço cultural permanente atrelada ao fato da maioria de seus habitantes nunca terem ido ao cinema, pela falta do mesmo no município e nas proximidades.

As dificuldades para realização do projeto surgiram com a distância e os custos com as viagens. Haveria necessidade de uma pesquisa de campo, de reuniões com os representantes de órgãos municipais e uma grande captação de recursos. Não havia tempo hábil para tanto.

Demorei um pouco para abandonar a ideia, mas diante das dificuldades que se apresentavam comecei a pensar em formas alternativas de modificar o produto sem abandonar o projeto por completo, o que implicaria em perder toda a pesquisa já realizada.

Mantive o projeto do cineclube, define as crianças como público alvo e especifiquei ainda mais ao decidir que essas crianças seriam oriundas de orfanato, partindo de um principio constitucional de que a sociedade deve contribuir para a formação social, educacional e cultural das crianças. Entretanto, o projeto ainda não estava totalmente formulado, faltava entre outras coisas, definir a metodologia. Inicialmente pensei em executá-lo internamente, levar o cineclube até a instituição, mas em conversas com minha orientadora percebi que o melhor era levá-los até o

cinema, sob o argumento de que, eles já vivem em um orfanato, sendo mais enriquecedor levá-los a um espaço ainda desconhecido, uma sala de cinema.

Antes de chegar a esta conclusão, inscrevi o projeto ainda em construção no Edital da Prefeitura Municipal de Salvador, através da Fundação Gregório de Mattos – FGM, vinculada à Secretaria de Cultura e Turismo – SECULT, denominado Arte Todo Dia Ano III<sup>6</sup>, no qual passei na etapa de habilitação, mas infelizmente não na etapa de aprovação final.

Durante o processo de inscrição, ainda sem um nome definido coloquei o nome provisório de Apadrinhamento Cultural. Após pesquisas e conversas com minha orientadora cheguei ao nome Cine Ação<sup>7</sup>.

#### **4.1.1. Escolha da Instituição**

Para iniciar o projeto listei os orfanatos existentes em Salvador chegando a um total de 16 instituições. O critério de escolha foi essencialmente a localização, selecionei os orfanatos próximos a minha residência e a Universidade para facilitar a comunicação. Após conversas via email e telefone, a Organização de Auxílio Fraternal concordou em participar do projeto.

Foi marcada uma visita para o dia 18 de julho. Aproveitei a ocasião para saber mais sobre o funcionamento da instituição, tirar algumas fotos e realizar uma entrevista com Franciele Mattos, Assistente Social e Iolanda Bonfim, Pedagoga ambas funcionárias da instituição.

A conversa se prolongou bastante e nesse dia não pude conhecer as crianças. Marcamos então outra visita para o dia 20 de julho, quando conversei com a coordenadora da OAF, conheci as crianças que foram ao projeto no período da manhã, conheci algumas das mães sociais e auxiliares que ficam com eles nos

---

<sup>6</sup> Constitui objeto do presente Edital a Premiação de Pessoas Físicas (artistas, produtores e representantes de grupos artístico-culturais não formalizados), Micro Empreendedores Individuais (MEI), certificados para atividades do campo da Cultura e instituições de Direito Privado, sem fins lucrativos e com finalidade cultural declarada em Estatuto Social, domiciliados ou sediados no município do Salvador há pelo menos 2 (dois) anos, mediante apresentação de propostas de atividades artístico-culturais pontuais de interesse público, inclusive as que tenham como enfoque a celebração de datas comemorativas relacionadas ao campo da Cultura.

<sup>7</sup> Informações sobre a concepção da marca no Manual de Identidade Visual presente no Anexo 1.

apartamentos, visitei as demais dependências da instituição, os possíveis lugares para a implantação da Horta-PET e conversamos sobre questões como registros fotográficos das crianças. Que foram permitidos na condição de não identificar as crianças fotografadas pelo fato das mesmas estarem sob medida judicial de proteção. A maioria das fotos foram tiradas por Cibele Gentil, Assessora de Comunicação da OAF.



*Figura 1 Marca da Instituição*

A Organização de Auxílio Fraternal – OAF<sup>8</sup> é uma organização não governamental, constituída sob a forma de associação sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural e beneficente de assistência social, com o objetivo de acolher, educar, amparar e proteger crianças e adolescentes em situação de risco, exclusão e vulnerabilidade social.

A OAF está registrada nos principais órgãos representativos do seguimento, nas esferas Municipal, Estadual e Federal. Natureza Jurídica: associação – entidade civil, sem fins lucrativos; Registro Civil: nº 1.322 – Cartório do 1º Ofício do Registro Civil das Pessoas Jurídicas; Ministério da Fazenda – CNPJ nº 15.232.135/0001-50; Secretária da Fazenda Estadual: ISENTO; Prefeitura Municipal: CGA: 022.075/001-21; Conselho Nacional de assistência Social (CNAS); Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS); Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA).

O público alvo da instituição são crianças e adolescentes de ambos os sexos, prioritariamente com faixa etária de 0 a 17 anos, em situação de vulnerabilidade social (abandono, maus tratos, negligência).

---

<sup>8</sup> Informações retiradas do site da instituição. Disponível em: <<http://www.oaf.org.br/>>.

O acolhimento institucional só é realizado através da solicitação dos conselhos tutelares, ou por indicação direta da 1ª Vara da Infância e Juventude da comarca de Salvador.

A capacidade física de atendimento é para 120 crianças. Atualmente, os recursos e convênios são para atendimento de até 80 crianças e adolescentes.



*Figura 2 Fachada da parte interna da OAF*

## **Histórico**

No final da década de 1940, ao ser convidada para trabalhar no juizado de menores, a Dr<sup>a</sup>. Dalva de Mattos presenciou cenas e relatos impressionantes de violência e abuso praticados contra crianças e adolescentes, cujas condições morais e materiais eram degradantes. Nesse mesmo período, devido ao seu trabalho no Juizado, Dr<sup>a</sup>. Dalva passou a visitar zonas de prostituição para observar de perto como viviam as meninas, caracterizadas no Juizado como moradoras ou frequentadoras daqueles ambientes desprezíveis. Seu olhar justo e humano a fez perceber que a maioria daquelas pessoas era analfabeta ou com baixo nível de instrução.

Nasceu então o desejo irrefreável de iniciar um trabalho social, amparado nos princípios da fé e amor ao próximo, com o intuito de oportunizar uma vida digna para essa população tão desprovida de direitos.

Assim, em 12 de outubro de 1958, a Dr<sup>a</sup>. Dalva de Mattos começou as atividades da OAF, que teve como marco inicial a fundação da Escola Nossa Senhora de Nazaré, num terreno localizado na Rua do Queimado. Inicialmente, a instituição dedicou-se ao abrigo de dezenas de mães solteiras, posteriormente estendendo este atendimento às crianças, muitas dessas filhas das mães acolhidas.



Figura 3 Pintura que homenageia Dalva Mattos na parte interna da organização

## Missão

Inspirando-se na compreensão do seu próprio nome, a missão da Organização de Auxílio Fraternal é acolher e educar crianças em situação de risco e exclusão social, contribuindo para o resgate de sua identidade e dignidade, bem como no processo de construção da cidadania.

## Visão

Agregar conhecimentos e experiências, visando a melhoria permanente de nossas ações, a excelência da qualidade no acolhimento institucional e o bom relacionamento com a comunidade.

## **Valores**

A atuação é pautada nos seguintes valores:

- Entusiasmo;
- Solidariedade;
- Amor Fraternal;
- Princípios Cristãos;
- Valorização do Ser Humano;
- Trabalho em Equipe;
- Ênfase nos Melhores Resultados.

## **Endereço**

OAF - Organização do Auxílio Fraternal

Rua do Queimadinho, 17 - Bairro Lapinha, Salvador-BA. CEP: 40325-260

TEL(s): (71) 3242-3699 / 3014-4620

### **4.1.2. Escolha do Filme**

Em paralelo com a conversa estabelecida com as instituições estava a escolha do filme para exibição no cineclube. A escolha do filme foi muito cuidadosa pelo fato da vulnerabilidade social das crianças e adolescentes, não podia abordar nenhum assunto que pudesse deixá-los desconfortáveis. Após uma extensa pesquisa cheguei ao filme WALL-E. Para não cair no equívoco de escolher o filme sem base em uma opinião profissional consultei a pedagoga da OAF, Iolanda Souza Bonfim<sup>9</sup> a qual autorizou a exibição.

A partir da escolha do filme surgiu a ideia do desdobramento. Dentre os assuntos abordados pelo filme escolhi o meio ambiente como temática a ser discutida após a exibição. E comecei a pensar em um modo das crianças e

---

<sup>9</sup> Entrevista no Anexo 2.

adolescentes da instituição poderem praticar o apreendido com o filme. Surgiu então a ideia da Horta-PET como desdobramento do Cine Ação.

### **Justificativa**

Esse filme foi exibido na disciplina, Temas Especiais em Publicidade e Propaganda, ministrada por Sérgio Sobreira. Na época o foco das aulas era o consumismo, muito bem retratado no filme. Foi a primeira vez que tive a oportunidade de assistir ao filme completo e discutir as temáticas abordadas.

Há algum tempo atrás fui indagada por um estudante de mestrado do interior da Bahia, sobre algumas questões da produção cultural. Não me recordo o nome da cidade dele, mas me lembro de seu nome, pois era o nome de um ex-presidente da república (ele me disse que eu iria acabar lembrando por esse motivo). A conversa ocorreu no horário do almoço, na cantina do Instituto de Biologia, ele me perguntou o que mais me incomodava na cidade de Salvador e eu respondi: “A falta de educação das pessoas, principalmente relacionada à falta de cuidado com a limpeza da cidade.”. E ele me perguntou: “Mas isso não é uma questão cultural? Você já pensou em estudar isso? Inquietações devem ser trabalhadas para que se encontre uma solução, não acha?”.

Aquela conversa por acaso e sem pretensões, reapareceu na minha mente quando eu procurava o filme que seria exibido no cineclube e qual seria o objetivo daquela exibição, e ainda o que seria discutido após a exibição. Quando relembrei o roteiro do filme WALL-E, as coisas começaram a se conectar e aquela conversa fez sentido. Se o descaso com a cidade e com os problemas ambientais é também de ordem cultural, ele pode ser trabalhado urgentemente com as novas gerações para que elas não cometam os mesmos erros e para que sejam agentes da transformação social.

### **Sinopse**

Após entulhar a Terra de lixo e poluir a atmosfera com gases tóxicos, a humanidade deixou o planeta e passou a viver em uma gigantesca nave. O plano era que o retiro durasse alguns poucos anos, com robôs sendo deixados para limpar

o planeta. WALL-E é o último destes robôs, que se mantém em funcionamento graças ao autoconserto de suas peças. Sua vida consiste em compactar o lixo existente no planeta, que forma torres maiores que arranha-céus, e colecionar objetos curiosos que encontra ao realizar seu trabalho. Até que um dia surge repentinamente uma nave, que traz um novo e moderno robô: EVA. A princípio curioso, WALL-E logo se apaixona pela recém-chegada.

### **Ficha Técnica**

Título no Brasil: WALL-E

Título Original: WALL•E

País de Origem: EUA

Gênero: Animação

Classificação etária: Livre

Tempo de Duração: 97 minutos (1h37min)

Ano de Lançamento: 2008

Estreia no Brasil: 2008

Produtora: Pixar Animation Studios

Distribuidor: Disney/ Buena Vista

Tipo de filme: longa-metragem

Cor: Colorido

Direção: Andrew Stanton

Roteiristas: Andrew Stanton, Pete Docter e Jim Reardon

Produção: Jim Morris

Compositor: Thomas Newman

Cinegrafista: Ralph Eggleston

Animação: Andrew Jimenez

Prêmios: Oscar 2009 – Melhor Filme de Animação; Globo de Ouro 2009 – Melhor Filme de Animação; Bafta 2009 – Melhor Filme de Animação; Prêmio Neruda 2009 – Melhor Roteiro.

### **Análise Crítica**

WALL-E (2008) é uma animação produzida pela *Pixar Animation Studios* e distribuída pela *Walt Disney Pictures*, de aproximadamente 97 minutos e classificação livre. Esse filme, cujo roteiro e direção foram feitos por Andrew Stanton, foi escolhido para exibição nesse projeto por seu caráter ideológico e formato diferenciado que conquista variada faixa etária, além de abordar vários aspectos interessantes como a questão ambiental, temática chave do filme.

As primeiras imagens passeiam pelo universo, até chegar a Terra vista de fora, tomada por satélites orbitando ao seu redor. A imagem vai se aproximando ainda mais do planeta e demora um pouco para podermos visualizar algo devido a fumaça e a poluição, mas aos poucos percebemos que o “planeta azul” toma ares cinzentos. Logo podemos ver montanhas de lixo maiores que arranha-céus, moinhos de vento praticamente parados sobre o topo das pilhas de entulho. O que era para ser uma estrutura produtora de energia sustentável se tornara apenas mais um esqueleto qualquer, uma prova que o paliativo não deu certo. A fauna e a flora desapareceram por completo, no lugar apenas estruturas de antigas usinas, casas e prédios contornados por lixo, carros parados e abandonados nas estradas de asfalto empoeirado. Todas as imagens são acompanhadas de uma trilha sonora animada, até a música dá lugar ao silêncio momentâneo e o aparecimento de WALL-E.



*Figura 4 WALL-E sozinho diante de um planeta Terra devastado*

Em meio ao grande depósito de lixo que se tornou o planeta, WALL-E é um robô que assim como outros robôs, foram enviados para a Terra pela empresa BNL para fazer a limpeza, mas todos os outros robôs quebraram, só restando ele, graças a sua habilidade de se autoconsertar usando as peças dos outros robôs e por utilizar energia solar para recarregar sua bateria. WALL-E não está de todo sozinho, pois tem como amiga uma barata, comprovando a resistência do inseto, mesmo diante das adversidades que impossibilitaram a vida terrestre. Assim, ele e sua barata de estimação são os únicos habitantes daquele planeta cinzento.



*Figura 5 WALL-E e a barata*

“Tem muito espaço no espaço? Tem muito lixo na Terra?”. Os seres humanos se protegem de toda a toxidez do planeta na estação espacial Axiom, da mesma empresa que designou a robôs a limpeza da Terra, a BNL. O plano era que ficassem somente por cinco anos ali, esperando a conclusão do trabalho para retornarem ao planeta, mas acabam ficando por 255.642 dias, aproximadamente 700 anos.

Nesse espaço de tempo, WALL-E desenvolveu consciência e personalidade. Ele aprende o que é ser um humano e passou a colecionar coisas que encontrava durante seu trabalho de compactação do lixo. A cena em que WALL-E joga um anel de brilhantes fora e prefere ficar com a caixinha que o guardava é simbólica e muito bonita. Enquanto ele limpa o planeta, guarda as pequenas coisas sem relevância para nós, mas com tremendo valor para ele. Ele adquire respeito pela vida, que conhece apenas na forma de sua companheira, a barata de estimação, ao criar o hábito de ouvir a música *“Put on your sunday clothes”* e ao assistir seu vídeo cassete repetidas vezes com cenas que foram tiradas do filme *“Alô, Dolly!”*, de 1969. A fita tem imagens de humanos dançando e dando as mãos. Ao assistir ele parece desenvolver sentimentos.



*Figura 6 WALL-E assistindo a sua fita cassete*

Em um dia comum de trabalho ele achou uma geladeira, e curioso como uma criança quebrou a porta com laser. Dentro encontrou uma plantinha sem saber a sua importância a guardou dentro de uma bota velha, levando pra casa.



*Figura 7 WALL-E ao encontrar a plantinha dentro da geladeira*

EVA, uma nova espécie de robô, é enviada ao planeta para cumprir a missão de procurar exemplares vegetais vivos que comprovasse que a Terra já estaria pronta para uma recolonização. WALL-E ficou encantado ao conhecer a robô, mas a felicidade do personagem dura pouco. Quando WALL-E tenta impressionar EVA mostrando seus achados e dentre eles a plantinha, EVA acaba cumprindo sua missão de encontrar vida na Terra e é chamada de volta à estação espacial. Antes de WALL-E conseguir se agarrar a nave e segui-la pelo espaço, nas suas várias tentativas de despertar EVA, WALL-E a leva para passear, e uma das cenas chama atenção, eles passeiam de barco por um mar de lama preta que mais parece petróleo.



*Figura 8 WALL-E e EVA*

No trajeto da Terra para o espaço WALL-E, rompe a barreira formada pelos satélites e ao passar próximo da Lua onde aparece a bandeira dos Estados Unidos e um aparelho enferrujado em sua superfície.

Podemos notar ao longo do filme, que os seres humanos que estão a bordo da nave espacial estão tão acomodados que são incapazes de se levantar sozinhos, desaprendendo a andar e se locomovendo apenas com o auxílio das cadeiras flutuantes. Todos acima do peso gastam seu tempo basicamente comendo, se comunicando através de uma tela virtual e fazendo com que os robôs executem seus desejos mais banais. A tecnologia os torna passivos e sedentários de tal forma que os deixam incapazes de reconhecer e analisar o mundo à sua volta e também de se relacionar com as outras pessoas. Chegando ao ponto das máquinas comandarem a nave sem o consentimento do comandante. Além disso, todo lixo produzido na nave é descartado no espaço.



*Figura 9 Ao tentar entregar um copo para WALL-E, o confundindo com um dos robôs que prestam serviço na nave, o homem cai da cadeira flutuante e não consegue levantar sozinho*

O filme mostra a falta de preocupação com o meio ambiente, retratada pelo comodismo do avanço tecnológico, o descaso com o planeta e o ambiente, e a falta de sensibilidade por parte das atitudes dos homens.

O filme vai além da questão do lixo, podem ser discutidos outros assuntos diretamente interligados como o consumismo, as facilidades da vida moderna, as vantagens e desvantagens do avanço tecnológico, o sedentarismo, o comodismo, a passividade, alienação e o comportamento humano, além de sentimentos como a amizade e o amor. Uma cena evidente de alienação e consumismo ocorre quando a máquina avisa que as pessoas podem começar a usar roupas de outra cor e aconselha dizendo: “Experimentem! Azul é o novo vermelho”. Todos imediatamente aderem à moda e uma das personagens chega a dizer: “Eu adoro a cor azul”.



*Figura 10 Humanos sedentários, alienados pelo consumismo e pela passividade proporcionada pelo avanço tecnológico*

Os seres humanos acabam sendo atrofiando mentalmente e fisicamente pela tecnologia. Ficam evidentes coisas que esporadicamente já ocorrem, como falar pelo celular com a outra pessoa, mesmo que ela esteja ao lado ou ficar preso a rotina e não perceber as demais coisas ao redor, isso ocorre na cena em que WALL-E desliga acidentalmente a cadeira flutuante de uma das personagens e ela após tanto tempo naquela nave percebe pela primeira vez que há uma piscina.

Por vezes, WALL-E parece ser mais humano que as próprias pessoas, pois seu jeito gentil e educado de se apresentar contrapõe o modo mecânico aderido pelos humanos. Os humanos perderam a capacidade de se vestir, de se mexer, de ler e de pensar sozinhos passando a depender e a confiar cem por cento nas máquinas e os autofalantes da nave afirmam isso ao comunicar a seus passageiros: “BNL, tudo que você precisa para ser feliz!”.

Com um final previsível, o filme termina com a recolonização da Terra, um final feliz para os humanos e para as máquinas que os ajudaram a voltar. Algo interessante é que as máquinas ditas com defeito foram às mesmas que ajudaram WALL-E, EVA e os humanos a retornarem a Terra.



*Figura 11 EVA e WALL-E liderando os robôs para o retorno a Terra*

Para as crianças a temática de preservação ambiental é bastante didática e no início bem impactante, devido à ideia de que a humanidade destruiu o planeta por conta do consumismo desenfreado.

A crítica deste filme é a que devemos realmente trabalhar para a preservação do planeta Terra, buscando corrigir e solucionar os graves problemas ambientais criados por nós mesmos. WALL-E propõe que deixemos de simplesmente demonstrar preocupação e que passemos a ações, realizando medidas sustentáveis.

Neste sentido, a discussão desta temática tão urgente em uma produção destinada às crianças é bastante pertinente. WALL-E pode contribuir para o fomento de projetos, debates, trabalhos, tarefas, paralelos a aulas das mais diversas disciplinas.



Figura 12 Imagem de divulgação do filme

#### 4.1.3. Identidade Visual do Projeto

A identidade visual do projeto foi criada por Musca (João Lucas Santos), designer colaborador contratado através da Rede Logos, uma plataforma colaborativa voltada para o público universitário, coordenada pelo Prof. Adriano Sampaio.

Toda a marca faz referência ao cinema. Ela tem como elemento central do seu símbolo a “claquete”, dispositivo utilizado nas produções de cinema para identificar os planos e tomadas rodados, e para ajudar na sincronização entre imagem e som. O Manual de Identidade Visual encontra-se no Anexo 1 deste memorial.



#### 4.1.4. Captação de Recursos

O primeiro passo para o planejamento financeiro do Cine Ação foi buscar mecanismos de financiamento para realização do projeto. Busquei por editais de baixo orçamento para atender a demanda do projeto que era de baixo custo.

Encontrei o edital da Prefeitura Municipal de Salvador como citado anteriormente, mas infelizmente o resultado divulgado no dia 30 de junho de 2017, não contemplou o projeto.

Comecei a buscar por patrocínio para financiar o projeto por apoio direto segmentando as necessidades. Contatei órgãos públicos e instituições privadas e obtive o retorno quanto aos itens mais caros do orçamento: transporte (custo médio de R\$ 1.250,00 por 10 horas de serviço, mais motorista e combustível) e espaço da sala de cinema (custo médio de R\$ 3.500 a partir de três orçamentos em salas de cinema comercial). Essas médias de custo foram orçadas mediante ligações telefônicas para empresas de transporte e salas de cinema em Salvador.

Entrei em contato com a DIMAS (Diretoria de Audiovisual da Bahia) órgão da Fundação Cultural do Estado da Bahia, logo após tomar conhecimento do Programa de Formação de Público da instituição denominado Escola no Cinema. Após trocar emails<sup>10</sup> com Adolfo Gomes responsável pelo programa reservei a Sala Alexandre Robatto com capacidade para 55 pessoas, localizada no subsolo da Biblioteca Central, nos Barris.

Com o espaço reservado procurei por transporte. Fui ao Núcleo de Transportes da UFBA para saber da possibilidade do fornecimento do serviço para o público externo recebi uma resposta positiva e fui orientada a enviar um formulário<sup>11</sup> para a Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) com cópia para o Núcleo de Gerenciamento de Transportes (NGTRANS) pertencente a Pró-Reitoria de Administração (PROAD). O formulário solicitava o número do SIAPE, por isso pedi que o Prof. Adriano Sampaio assinasse como solicitante. Por ser uma atividade com público externo enviei também uma solicitação que tratou de explicar o teor do projeto. Após enviar uma lista com o nome das crianças que participaram do projeto e o nome de uma das representantes da instituição consegui a confirmação do transporte.

Contei com o *Logos*, plataforma colaborativa coordenada pelo Prof. Adriano Sampaio, para fazer contatos e conseguir colaboradores para o Cine Ação. A plataforma é nova e tem o objetivo de conectar pessoas e projetos, atendendo a demanda do público universitário dos três segmentos: alunos, professores e servidores. Por meio do *Logos* contei com a colaboração de Musca (João Lucas

---

<sup>10</sup> Email no anexo 4.

<sup>11</sup> Anexo 3.

Santos) estudante do curso de Design, que construiu a identidade visual do projeto, Raylana Santos estudante do curso de Produção Cultural, que auxiliou na produção executiva do cineclube e Óscar Romero estudante de Geografia que me auxiliou na produção executiva do cineclube e na construção da Horta-PET. Todos são estudantes da UFBA.

The screenshot displays the 'Minha Rede' interface. On the left, a sidebar shows 'SALDO EM LOGOS: 1300', a 'DOAR LOGOS' button, a 'PROJETOS' button, and a 'MENSAGENS' button. The main area is titled 'SEUS PROJETOS' and includes a search bar 'PESQUISAR PROJETO' and status filters: 'ABERTO', 'EM EXECUÇÃO', and 'FECHADO'. A project card for 'Cine Ação' is visible, indicating it is 25% funded with R\$ 0,00 raised and 8 dias remaining.

Figura 13 Aba Minha Rede é uma aba pessoal onde pode-se ver o andamento dos projetos

A plataforma Logos funciona com moeda própria para troca de serviços e de produtos oferecidos por parceiros, cursos, palestras, oficinas e *workshops*. Por esse motivo não tive custos financeiros com os colaboradores.

The screenshot shows the project details for 'Cine Ação'. It includes a detailed description of the project, its objectives, and a list of necessary materials. The materials list includes 'Impressão de cartazes A3' with a quantity of 2. The project is also broken down into stages: 'Construção da Identidade Visual do Projeto', 'Execução do Cineclube', and 'Construção da Horta-PET'.

Figura 14 Página do projeto na plataforma com todas as informações cadastrais

Com o corte dos custos mais altos e o insucesso na busca por apoio direto de empresas do ramo alimentício (para a pipoca e o suco), optei por bancar os custos de toda a demanda financeira restante.

Para a construção da Horta-PET com o auxílio de Óscar listamos o necessário para a sua construção. Recebemos doações de garrafas PET, terra e adubo, sendo assim só tive que arcar com gastos relacionados sementes.

## **4.2. PRODUÇÃO**

### **4.2.1. Cineclube**

O cineclube realizado no dia 25 de julho de 2017 ocorreu como o esperado com um pequeno transtorno resolvido da forma mais imediata possível.

Ficou acordado que teríamos duas sessões de cineclube, para que tanto as crianças e adolescentes que estudam no período da manhã como as que estudam no período da tarde pudessem participar. Essa foi uma das condições estabelecidas pela OAF e atendida sem nenhum problema.

Tratei de encomendar a confecção de camisas para identificar os colaboradores no dia do projeto, cartaz de divulgação interna colado no mural da Sala Alexandre Robatto, ingressos e vouchers para as crianças e adolescentes guardarem de recordação.



Figura 15 Camisas do projeto



Figura 16 Ingressos, vouchers e cartazes

Na semana anterior a essa primeira fase do projeto, a realização do cineclube, foram solucionadas todas as pendências em relação à confirmação de espaço e transporte. Fiz uma visita a Sala Alexandre Robatto, onde conversei com o projetista e aproveitei para pegar os contatos das pessoas que nos ajudariam no dia do evento.

Em relação ao transporte tive que fazer várias ligações até uma confirmação concreta, antes disso eu havia conversado pessoalmente com Elaine do setor de transportes da UFBA, mas ela só havia me dado uma confirmação parcial, ainda precisei aguardar a aprovação da PROAD que demorou a ocorrer pelo fato de ser um transporte de pessoas externas a Universidade, por isso mantive contato constante e quase diário com o setor de transportes até a confirmação real no dia 21/07.

Plano de Ação			
Dia	Horário	Atividade	Duração
25/07 (manhã)	9h	Iniciar o filme	1h44
	10h45	Iniciar dinâmica com desenhos	15 min
	11h	Bate-papo final sobre o desenho e o filme	10 a 20 min
	11h30	Voltar para a OAF	
Almoço	12h-13h		
25/07 (tarde)	13h30	Iniciar o filme	1h44
	15h15	Iniciar dinâmica com desenhos	15 min
	15h30	Bate-papo final sobre o desenho e o filme	10 a 20 min
	16h	Voltar para a OAF	

Quadro 3 Plano de Ação do evento

Montamos uma logística de transporte para o dia do evento que envolveu o transporte do lanche dos espectadores (pipoca, suco e água) e o transporte dos próprios espectadores. Transportamos o lanche no carro de Óscar. Para facilitar a dinâmica da distribuição, optei por pipocas prontas, as quais encomendei quase uma semana antes. E por sucos de 200ml e águas de copo também de 200 ml devidamente refrigerados em uma caixa térmica com gelo.



Figura 17 Lanche para as sessões de cineclube

Às 7h40 da manhã eu e os demais colaboradores nos encaminhamos a UFBA, para o setor de transportes. De lá nos dividimos para na execução das tarefas. O motorista da UFBA e eu fomos juntos para a OAF, enquanto Óscar e Raylana foram para a Sala Alexandre Robatto organizar os lanches e entregar o DVD para o projetista responsável pelo funcionamento da sala no período da manhã.



*Figura 18 Buscando as crianças no período da manhã*

Ao chegarem na Sala Alexandre Robatto Óscar e Raylana foram informados que a Sala Walter da Silveira que tem espaço para 200 pessoas estava disponível pela manhã. Conversamos e concordamos com a mudança de sala que fica ao lado da Alexandre Robatto, no subsolo da Biblioteca Central dos Barris. A exibição ocorreu com 13 crianças e 7 adultos pela manhã.



*Figura 19 As crianças chegando a Sala Walter da Silveira*



*Figura 20 Distribuição dos lanches*



*Figura 21 Sessão da manhã*

Eu havia pesquisado algumas formas de dinâmica para fazer após a exibição, entre elas a que me pareceu mais pertinente foi o desenho. Sendo assim, para que as crianças pudessem se expressar melhor pedi para que elas desenhassem o que quisessem sobre o filme (desenhos no anexo 5) dessa forma eles se sentiram mais a vontade para falar do que havia chamado a atenção deles. Ao falar dos seus desenhos, eles conseqüentemente falaram do filme. Quando terminaram os desenhos iniciamos um bate-papo auxiliado por Iolanda Bonfim, pedagoga da OAF, que fez perguntas como: “O que podemos fazer para evitar um futuro como o do filme?”, estimulando a discussão entorno do assunto Meio Ambiente.



*Figura 22 Confecção dos desenhos*

O imprevisto ocorreu na volta para a OAF por volta da 12h. O micro-ônibus da UFBA quebrou no Largo Dois Leões, Baixa de Quintas a menos de 3 km da OAF. O motorista Hélio relatou que ocorreu um defeito na embreagem. Imediatamente ligamos para o setor de transportes solicitando outro micro-ônibus, mas só havia vans disponíveis. Solicitamos uma van e ficamos esperando por cerca de 40 minutos, devido ao engarrafamento causado pelo próprio micro-ônibus parado na pista e pela chuva. Enquanto isso um mecânico avaliou o veículo que teve que ser guinchado posteriormente.

Sem micro-ônibus disponível para o período da tarde, tivemos que decidir se a sessão seria cancelada ou não. Liguei para o Dimas para verificar as datas disponíveis, mas só haveria disponibilidade para o fim do mês de agosto. Então eu, Hélio e Iolanda sentamos para conversar e chegamos ao acordo de transportar as crianças na van. Por esse motivo a sessão da tarde começou com um atraso de 30 minutos.



*Figura 23 Van mandada pela UFBA*

Pela tarde o cineclube ocorreu na Sala Alexandre Robbato com 22 crianças e 6 adultos, a sala tem capacidade para 55 pessoas. Com as crianças do período da tarde adotamos outra dinâmica. Percebemos que o público da tarde era muito mais extrovertido, então ao invés de utilizar os desenhos fomos direto a conversa auxiliada mais uma vez pela pedagoga Iolanda Bonfim.



*Figura 24 Sessão da tarde*

#### 4.2.2. Horta-PET

A OAF se interessou bastante pela ideia da Horta-PET e começamos a planejá-la efetivamente no dia 20 de julho de 2017, quando fiz minha segunda visita a instituição. Nessa oportunidade visitei os lugares onde poderíamos implantá-la. Tínhamos duas opções: um espaço ao ar livre, no pátio onde as crianças costumam brincar e um espaço existente na varanda dos apartamentos onde moram.

Entrei em contato com Óscar informando as possibilidades e ele propôs duas opções de plantio: horta suspensa e horta convencional. Iniciei então a procura por garrafas PET e consegui doações de um colégio particular, no total de 41 garrafas PET de 2 litros cada. Compramos a terra vegetal e optamos pelo cultivo de hortaliças por ser de consumo, pelo fácil manejo, pela rapidez no desenvolvimento e pelo pequeno porte que as plantas atingem.

Alguns contratemplos ocorreram e a realização da Horta-PET só pode ocorrer no dia 09 de agosto de 2017. Cultivei algumas hortaliças no quintal da minha casa, oriundas de raízes de rúcula, coentro, hortelã grosso e alfavaca e as outras plantamos na presença das crianças com sementes de alface, cebolinha, coentro, rúcula e salsa.



*Figura 25 Hortaliças cultivadas em casa*

A interação com as crianças não foi planejada, ficamos no pátio preparando as mudas e logo as crianças foram aparecendo, curiosas elas fizeram perguntas, pediram para ajudar e quando vimos estávamos cercados por elas. Ensinamos

como deveriam ser plantadas as sementes e elas começaram a plantar também, nos auxiliando em todo o processo, do plantio a implantação nos apartamentos. As mães sociais também participaram ativamente da implantação da Horta-PET fazendo perguntas sobre como proceder para preservar o cultivo das plantas.



*Figura 26 Daniel de 10 anos nos ajudando a plantar*

As crianças e adolescentes da OAF moram em 7 apartamentos divididos em 2 andares. No andar superior são 3 apartamentos, onde ficam os berçários e no inferior são 4 apartamentos, onde ficam as crianças maiores. Cada apartamento tem quatro quartos, dois banheiros, uma sala, uma cozinha e uma varanda, espaço onde colocamos as mudas.



*Figura 27 As mudas nas garrafas PET*

Algumas varandas tinham algumas plantas. Nessas colocamos a opção da horta suspensa na horizontal, pendurada por arame nas grades. Esse tipo de horta permitiu um número maior de mudas em um único recipiente por ser mais espaçosa.



*Figura 28 Horta-PET suspensa na horizontal*

Foram 36 mudas distribuídas em 7 varandas, uma média de 5 mudas por apartamento. Em duas semanas voltaremos a OAF, para acompanhar o crescimento e fazer os procedimentos necessários para a manutenção e conservação da Horta-PET na instituição.



*Figura 29 Eu, Óscar e Iolanda Bonfim, Pedagoga da OAF*

## 4.3. PÓS-PRODUÇÃO

### 4.3.1. Repercussão

Não busquei por repercussão por ser um projeto piloto. Priorizei a execução e coleta de dados para que haja o máximo de material e experiência para servir como base nas próximas edições do projeto. No entanto, foi publicada no Blog do Logos uma matéria<sup>12</sup> escrita por Kelven Figueiredo, sobre a primeira fase do projeto, a execução do cineclubes.



Figura 30 Matéria no site do Logos

O Blog do Logos é o lugar onde são publicadas notícias sobre o andamento dos projetos cadastrados na plataforma, como uma forma de prestação de contas aos demais usuários da rede.

<sup>12</sup> Link para a matéria completa no site do Logos: <http://www.redelogos.com.br/cine-acao-estudante-de-producao-cultural-utiliza-da-rede-logos-para-realizar-projeto-de-tcc/>

### 4.3.2. Prestação de Contas

<b>Custos do Investimento</b>			
<b>Descrição dos Itens</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Valor Unitário</b>	<b>Valor Total</b>
Filme DVD Original – WALL-E	1	R\$ 24,90	R\$ 24,90
Camisas (Impressão frente)	3	R\$ 12,00	R\$ 36,00
Impressão de cartazes A3	2	R\$ 3,50	R\$ 7,00
Envelopes Carta cor branca (144 mm x 160 mm 75g/m <sup>2</sup> ) c/10 unidades	5	R\$ 1,25	R\$ 6,25
Papel Vergê branco A4 210mm x 297mm (120 g/m <sup>2</sup> ) c/30 unidades	1	R\$ 7,40	R\$ 7,40
Papel Ofício branco A4 210mm x 297mm	-	-	Sem custos
Impressões em Papel Vergê (ingressos e vouchers)	9	R\$ 2,17	R\$ 19,55
Lápis de cor c/12 unidades	1	R\$ 3,59	R\$ 3,59
Lápis de cera c/12 unidades	1	R\$ 2,15	R\$ 2,15
Pipoca c/sal 35g (30 unidades)	2	R\$ 36,60	R\$ 73,20
Suco 200ml manga, maracujá, laranja, pêssego e goiaba	54	R\$ 0,99	R\$ 53,46
Água mineral copo de 200ml sem gás	12	R\$ 0,35	R\$ 4,20
Transporte	1	-	Sem custos
Espaço (Sala de Cinema)	1	-	Sem custos
Designer	1	-	Sem custos
Assistentes de Produção Executiva	2	-	Sem custos
Sementes (pacotes variados)	8	R\$ 2,00	R\$ 16,00
Terra vegetal com esterco de gado (10 kg)	2	R\$ 9,99	R\$ 19,98
Garrafas PET	41	-	Sem custos
<b>Total</b>			<b>R\$ 273,68</b>

Tabela 1 Planilha de custos

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Luz, câmera, ação! As três palavras mágicas do cinema. A ação é mesmo a parte fundamental desse projeto que foi planejado e executado em tempo bem curto. Tive de maio a agosto, quatro meses para realizá-lo. Uma iniciativa desencadeou a outra e assim esse projeto foi formatado.

Produzir um evento para criança é desafiador e gratificante, porque sempre se espera uma reação verdadeira vinda delas e por isso há um medo maior de que essa reação seja negativa. Além do mais, é muito difícil prender uma criança a uma atividade por muito tempo e conseguir fazê-las se expressar é mais difícil ainda. Por outro lado, é muito bom ver o envolvimento delas e o reconhecimento da importância do trabalho por parte dos adultos.

Deve-se ter um cuidado redobrado quando se trata de crianças abrigadas, pois muito do comportamento delas vem das situações de sofrimento pelas quais passaram. Por isso, deve-se respeitar o espaço delas e deixá-las bem à vontade para interagir ou não com o proposto pelo projeto.

Com este projeto evidencio a necessidade e o dever social que nós produtores temos ao desenvolver projetos culturais voltados para o público infantil, a fim de suprir essa carência tão latente. Os projetos culturais propiciam a ampliação do repertório cultural, auxiliam na formação como cidadão, na compreensão de si e do mundo.

Foi uma troca muito boa de conhecimentos. Com esse projeto, pude não somente exercer minha profissão de Produtora Cultural, me dividindo entre coordenação de produção e produção executiva, mas também aprofundei meus conhecimentos sobre o conceito de cultura. Pude estudar o recorte da cultura antropológica, fiz uma análise fílmica e pude notar as diversas possibilidades de trabalhar vários temas em um único filme. Pude entender o funcionamento de um abrigo para crianças e adolescentes e desmistificar vários preconceitos oriundos do senso comum. Também aprendi a plantar depois de dias pesquisando sobre como montar uma horta PET.

A proposta do projeto ter um piloto foi justamente motivada pela possibilidade de experimentar desencadeamentos provocados pelo formato cineclube, tomando a

exibição de um filme como ponto de partida para diversas alternativas e abrindo a possibilidade de replicá-lo em outros formatos, com outros temas e para diversos segmentos do público infantil.

Ao fazer uma retrospectiva, percebo que o projeto teve mais pontos positivos que negativos, pois mesmo com alguns contratemplos todo o cronograma foi cumprido e a avaliação dos resultados foi muito positiva.

Os contatos que fiz na Universidade, as instâncias das quais participei, os eventos que produzi, os congressos e seminários que assisti me auxiliaram bastante nessa reta final do meu curso. Todo esse repertório facilitou e norteou minhas decisões, fazendo com que eu pudesse perceber nitidamente todas as etapas de produção do meu projeto.

O Projeto Cultural Cine Ação me auxiliou a perceber a lacuna dos estudos e práticas culturais para o público infantil e me abriu a possibilidade de trabalhar um espaço pouco explorado tendo esse projeto piloto como base.

## ANEXOS

### 1. Manual de Identidade Visual | MARCA

#### Marca | Apresentação

Toda a marca faz referência ao cinema. Ela tem como elemento central do seu símbolo a “claquete”, dispositivo utilizado nas produções de cinema para identificar os planos e tomadas rodados, e para ajudar na sincronização entre imagem e som. Só após a batida da claquete inicia a ação.

A marca pode ocorrer em duas versões: uma horizontal, de uso preferencial, e outra vertical. O uso da versão vertical será indicado somente nas situações em que a versão preferencial apresentar dificuldades.

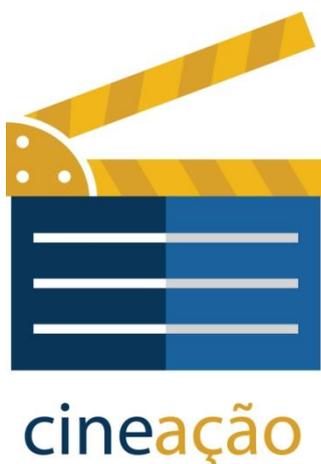
Esta é a marca do Cine Ação.

Versão Horizontal

Uso Preferencial



Versão Vertical



## Marca | Cores

### Simbologia das cores

A utilização da cor amarela estimula as atividades mentais e o raciocínio. O amarelo simboliza a prosperidade e a felicidade. É uma cor inspiradora e que desperta a criatividade. Ajuda a concentrar a atenção, estimular o intelecto e sugere animação.

O azul claro provoca a sensação de higiene e frescor, mas também estimula a produtividade e transmite sucesso. Já o azul escuro é corporativo, mostrando poder e confiança. Uma cor espirituosa que proporciona calma e segurança às pessoas.

O contraste da simbologia das cores dá o equilíbrio para a marca. O matiz dos tons mais escuros junto aos mais claros harmonizam de forma descontraída. Outro detalhe são as linhas dentro da claquete que oscila levemente entre branco e cinza.

A fidelidade na reprodução das cores é um item fundamental para garantir a consistência da marca.



C=100 | M=80,5 | Y=39,1 | Z=31,6

R=12 | G=54 | B=89



C=93,4 | M=64,4 | Y=13,4 | Z=1,2

R=25 | G=98 | B=157



C=15,8 | M=38,1 | Y=100 | Z=0,6

R=216 | G=160 | B=40



C=6,4 | M=28,9 | Y=100 | Z=0

R=240 | G=182 | B=26



C=16,4 | M=12,5 | Y=12,9 | Z=0

R=211 | G=211 | B=211

## Marca | Tipografia

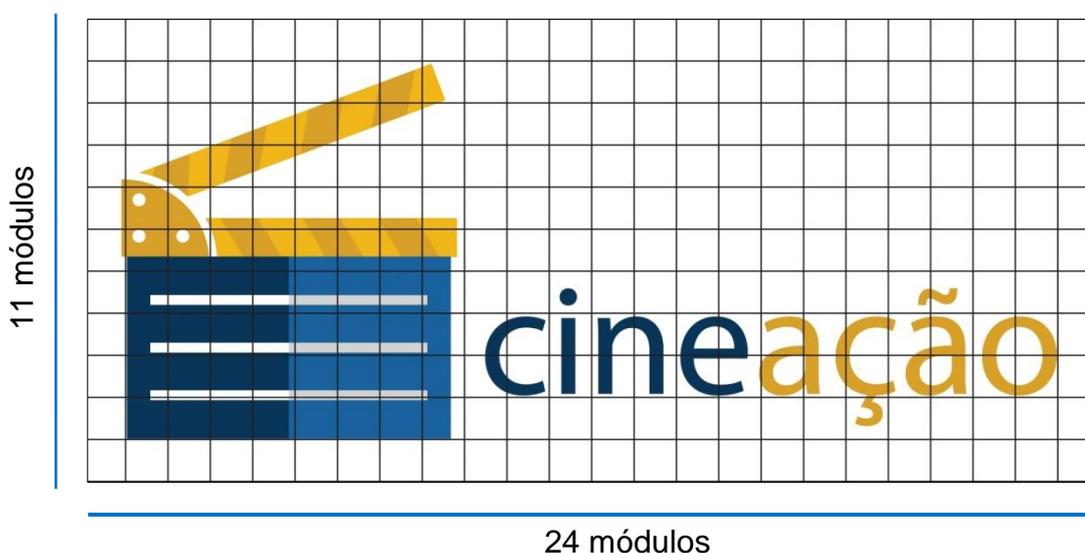
A tipografia escolhida para Identidade Visual do Cine Ação foi a MuseoSlab 500\*, uma tipografia moderna, de boa legibilidade e *design* descontraído. O uso dessa tipografia está previsto também para aplicações nos demais textos (anúncios publicitários, cartas, títulos e textos de formulários, etc.).

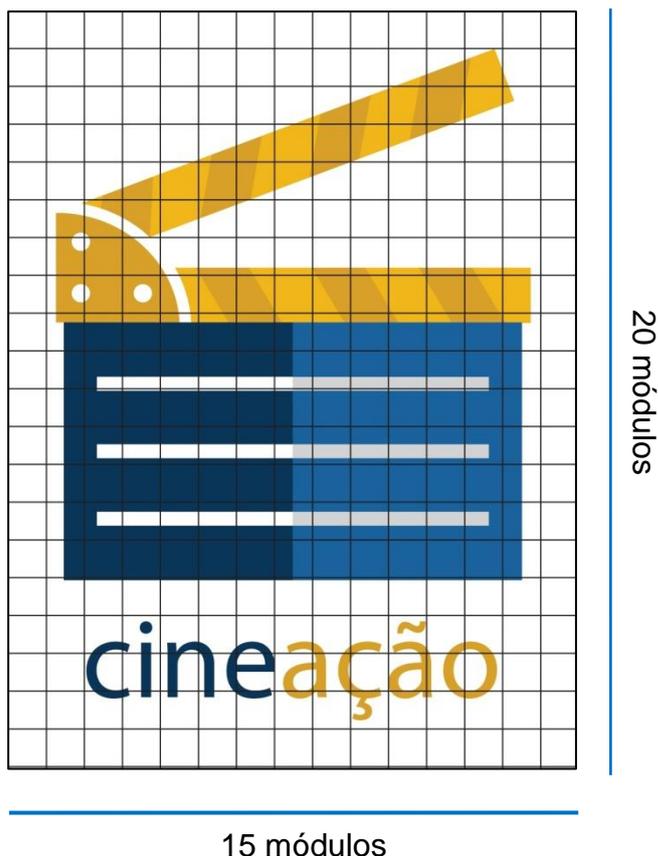
ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ  
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz1234567890 | Alfabeto Principal

## Marca | Dimensões

A consolidação de uma marca requer sempre o uso correto de todos os seus elementos. Para aplicar a marca do Cine Ação em qualquer meio, solicite sempre um arquivo eletrônico. Não tente redesenhá-la, pois você estará arriscando a qualidade da imagem do serviço.

Somente no caso de total impossibilidade de uso dos meios de reprodução eletrônica deverá ser utilizado o diagrama abaixo, no qual a retícula de módulos quadrados orienta na construção do símbolo e espaçamento do logotipo.





Somente no caso de total impossibilidade de uso dos meios de reprodução eletrônica deverá ser utilizado o diagrama acima, no qual a retícula de módulos quadrados orienta na construção do símbolo e espaçamento do logotipo.

### Marca | Usos incorretos

A marca não deve ser alterada, seja nas suas cores, diagramação ou proporção. Abaixo figuram alguns erros que podem ocorrer. Comparando com a marca original, verifique os usos incorretos e se assegure de que a marca Cine Ação nunca seja alterada.



*Foi alterada a cor da marca*



*Foi alterada a tipografia da marca*



## Marca | Redução da Marca

A redução demasiada de qualquer marca dificulta a sua leitura e o seu reconhecimento. No entanto, a determinação de limites de redução estará sujeita ao processo empregado, à qualidade do original utilizado e à qualidade de reprodução obtida.

Recomendamos como limite de redução da marca Cine Ação as medidas específicas abaixo. A sua redução além desse limite comprometerá a leitura da marca.



*Redução máxima (versão horizontal)*



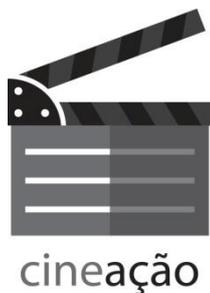
*Redução máxima (versão vertical)*

## Marca | Versões Monocromáticas

Em caso de limitações quanto ao número de cores disponíveis em um determinado processo de impressão ou gravação, podem ser empregadas as versões monocromáticas da marca.

Para tanto, o amarelo mais escuro deverá ser substituído por preto a 100%, amarelo mais claro por preto a 90%, azul mais escuro por preto a 70%, azul mais claro por preto a 80%, e o cinza por preto a 60%.

	Azul escuro =		Preto 70%
	Azul claro =		Preto 80%
	Amarelo escuro =		Preto 100%
	Amarelo claro =		Preto 90%
	Cinza =		Preto 60%



*Versão Vertical Monocromática (Preto)*



*Versão Horizontal Monocromática (Preto)*

## Marca | Marca em Diversos Fundos

Deve-se sempre dar preferência ao uso da marca em fundo branco. No entanto, ela também poderá ocorrer em negativo.

**Atenção:** Sempre que aplicada sobre fundo que contenhas as cores da marca, o símbolo deverá ser sobreposto com um contorno da cor branca de 0,25 de espessura e o nome deverá vir na cor branca. Quando aplicada em cores claras não há necessidade de sobreposição.



*Fundos com cores da marca (Versão Vertical)*



*Fundos de cor clara (Versão Vertical)*

## Marca | Versão Acromática

A versão acromática da marca só deve ser aplicada quando não for possível usar mais de uma cor na produção da peça.



## Marca | Aplicação em peças gráficas



*Voucher para distribuição da pipoca e do suco*

*Ingressos para entrada no cinema*



*Cartazes de divulgação do projeto*

**Marca | Aplicação nas camisas da produção**



*Camisa feminina*



*Camisa masculina*

## **2. Entrevistas e Autorizações**

**Entrevista realizada no dia 18 de julho de 2017, na Organização de Auxílio Fraterno com duas entrevistadas. Devidamente autorizada para anexo ao trabalho no dia 04 de agosto de 2017.**

### **1. Dados das entrevistadas: nome, idade, profissão e há quanto tempo trabalham na instituição.**

Franciele de Sousa Miranda Mattos, 33 anos, Assistente Social trabalha há quase um ano na instituição e Iolanda Souza Bonfim, 48 anos, Pedagoga trabalha há um ano e sete meses na instituição.

### **2. Quantas crianças vivem aqui e qual a média de idade?**

São 73 entre crianças e adolescentes, com idades de 0 a 14 anos.

### **3. Qual é o principal objetivo da instituição?**

Nosso principal objetivo é garantir todos os direitos da criança. O bem estar dela aqui é o principal para isso damos todo o suporte. Também tentamos reinserir as crianças no seio das famílias biológicas (ECA art.19), porque é o direito delas. O abrigo não é uma prisão, as crianças estão sob medida protetiva e tem que ter os direitos garantidos no que diz respeito a convivência, escola, saúde e lazer.

### **4. As crianças que vivem aqui têm algum tipo de relação com as famílias?**

Sim, quando a família não oferece risco nas visitas. Porque, às vezes as crianças são retiradas de um ambiente que oferecia muito risco, inclusive de violência, violência sexual, física, psicológica. A gente atende a família, ouve, conversa e permite que passem a visitar. Aqui dentro essas visitas são até importantes para que a gente observe a relação da família com a criança, para que a gente observe a evolução, o interesse dos pais em relação as crianças, porque tem pais que chegam aqui vêem que a criança está bem em um abrigo bem organizado e faz daqui um hotel de estadia permanente. Eles não estão tendo custo com a alimentação, com roupas, com educação, com saúde, com nada e podem visitar. Então quando é

percebida essa comodidade a gente tenta a todo momento manter uma conversa, orientar, encaminhar para os órgãos competentes para uma possível melhora e se eles não fazem nada disso, então avisamos ao Juizado e o Juizado toma as providências. Também quando percebemos que a visita do pai ou da mãe, ou da avó, enfim, do parente está fazendo mal para criança. Tentamos orientar em todos os sentidos, mas tem pessoas que são muito resistentes inclusive tentam nos agredir tanto verbalmente como fisicamente. Aqui priorizamos o bem estar da criança a saúde da criança, tanto mental quanto física, ela já foi retirada de um ambiente onde os direitos eram negados, onde não tinha acesso à educação, tem crianças aqui que não iam para a escola, não tinham um convívio com a comunidade, a brincar com outras crianças, até por distúrbio psicológico dos pais por superproteger, isso acaba fazendo mal para criança e esses pais também precisam de tratamento. Muitas vezes as pessoas abandonam as crianças por não quererem se tratar, negando a oportunidade de estarem com os filhos e isso é muito triste.

#### **5. Como as crianças chegam à instituição?**

Em relação à questão do abrigamento, do acolhimento, nossas crianças elas veem para medida protetiva, elas são encaminhadas pelo Conselho Tutelar, pelo Juizado tudo através da central de regulação de vagas do município. A central de regulação de vagas busca uma vaga e a gente acolhe, quando tem a vaga para aquela criança. Assim, depois da criança acolhida a gente, serviço social, em conjunto com a rede, aí entra CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), o Juizado, Ministério Público, procuramos trabalhar pra que essa criança seja reinserida no seio familiar, só que o próprio ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) tem um prazo pra criança ficar abrigada, que hoje é de dois anos, para que a criança fique institucionalizada, caso nesses dois anos a gente não consiga trabalhar a família junto com a rede, com o Conselho Tutelar, CREAS, CRAS, trabalhar a família para que ela se reorganize para ter essa criança de volta, então o juizado vai entrar com uma ação de destituição do poder familiar e essa criança vai para o cadastro de adoção. A maioria a gente até consegue, mas é bem complicado por que geralmente são pais que se encontram em situação de rua, envolvidos com uso de substâncias (psicoativas), álcool ou com o próprio “crime”.

Teve o caso da família de Iracema, ela tinha oito filhos abrigados aqui, ela era usuária de substâncias de álcool, se envolveu em prostituição, e ela se comprometeu a fazer o tratamento, ficou 9 meses em uma instituição para se reabilitar, conseguiu se reorganizar e já está com os filhos dela em casa.

E assim, tem casos de crianças que vêm encaminhadas pelo Juizado que são tiradas da própria maternidade. No caso de uma pessoa em situação que tem um filho e não quer o Conselho Tutelar é chamado, aciona o Juizado, a criança é trazida para o abrigo a mãe passa por uma oitiva com o Juiz para declarar perante ele que não quer aquela criança, ai sim esse bebê vem pra cá e acaba ficando poucos dias, uma semana, duas semanas porque, tem uma fila enorme querendo crianças recém-nascidas.

## **6. Como funciona o procedimento da adoção?**

É uma questão que nos deparamos quase todos os dias, tanto em ligações como em visitas. Tem muitas pessoas que por falta de informação acham que o procedimento é vir ao abrigo, escolher uma criança para apadrinhar, passar a visitar aquela criança e futuramente adotar diretamente com o abrigo, mas não é assim que funciona. A pessoa hoje para adotar uma criança tem que ir no Juizado de Menores, na 1º Vara da Infância e Juventude e fazer uma habilitação, levar todos os documentos necessários, preencher uma ficha com o perfil da criança que ela quer, escolher a faixa de idade, se menina ou menino, branco ou preto, com doença ou sem doença, tudo isso, e então faz um minicurso, passa por um processo de avaliação psicológica e só depois desse processo fica habilitado na 1º Vara da Infância e Juventude. Quando em algum abrigo surge uma criança destituída do poder familiar naquele perfil, o Juizado entra em contato com a pessoa e encaminha a pessoa para o abrigo, para conhecer a criança.

## **7. Qual é o perfil mais escolhido?**

Existe um preconceito em relação a idade, a cor, é complicado. O perfil mais escolhido normalmente é de crianças claras, sem doença nenhuma e bebê recém-nascido. Hoje em dia a realidade que nós percebemos é que é muito difícil você vê alguém pedir para adoção uma criança acima de cinco anos. Normalmente, existe ainda esse preconceito, tanto que temos caso de criança que chegou crescido e que

ainda tá aqui no abrigo, crianças de 8, 9, 10 anos, 14 anos... O pessoal só quer crianças de 0 a 3 anos tanto que a fila é enorme, chegam pessoas aqui que têm 5, 6 anos de espera depois de habilitado. Enquanto outras crianças que poderiam ter um lar não tem. No Brasil existe uma “cultura”, entre aspas de adotar só bebês. Ainda tem aquele pensamento de “ah, já está com a mentalidade formada, a gente não vai conseguir mudar” e na verdade não é nada disso.

#### **8. Quando não são adotadas o que acontece com as crianças que chegam aos 18 anos?**

Quando chegam aos 18 anos elas têm que ser desligadas do abrigo. Com 18 anos automaticamente elas são desligadas do cadastro de pessoas com guia de acolhimento na instituição. A guia de desligamento é emitida pelo Juizado de Menores.

Mas, aí essa criança vai pra onde? Durante o abrigamento a gente vai tentando trabalhá-las profissionalmente para que tenham pelo menos um preparo para entrar no mercado de trabalho, mas é uma questão ainda não trabalhada pelo sistema, porque deveria ter um pós, algum programa do Governo voltado para isso, mas não existe.

#### **9. Fale um pouco sobre o funcionamento e a estrutura física da instituição.**

Aqui no prédio Administrativo temos o serviço social, a pedagogia, a psicologia, a manutenção, o almoxarifado, a coordenação técnica, o RH e a presidência. No prédio anexo funciona o posto de enfermagem para atendimento das crianças da instituição, onde ficam uma enfermeira e duas técnicas em enfermagem. Temos um espaço alugado para o município, aqui do lado, onde funciona a Escola Nossa Senhora de Nazaré. Temos uma sala onde funciona a capoeira, um prédio alugado ao fundo da instituição onde está funcionando o Colégio Estadual Carneiro Ribeiro Filho (que se encontra temporariamente interditado), temos um auditório com capacidade para 200 pessoas que pode ser alugado para eventos, um prédio acima com salas vazias para aluguel também, a renda dos alugueis é revertida para as crianças.

Funcionamos aqui como Casa Lar, essa modalidade é própria para crianças e adolescentes que uma vez destituídos do poder familiar, aguardam por adoção. Se não houver adoção, podem ficar até 18 anos. Nós temos, um residencial que tem 7

apartamentos, os de baixo capacidade para 10 e os de cima que são para crianças até 5 anos, capacidade para 10 a 12. Fica uma educadora, que hoje chamamos de mãe social, fica ela e um auxiliar, elas não moram aqui elas passam plantões onde trabalham 24 horas e folgam 48 horas.

#### **10. Quantas pessoas trabalham na instituição?**

Em média 62 pessoas.

#### **11. As crianças aqui abrigadas estudam regularmente? Onde elas estudam?**

Algumas crianças estudam na Escola Nossa Senhora de Nazaré, elas estudam nas escolas da rede estadual e municipal, temos bolsa de escola particular também. Hoje tem uma criança nossa em uma escola particular, tínhamos até mais ano passado, mas esse ano preferimos deixar somente uma criança porque, percebemos que na outra escola queira ou não ainda existe uma discriminação com crianças abrigadas e nessa escola particular onde temos essa criança não existe esse tipo de discriminação. A escola aqui do lado abraça a nossa causa para escolas do município é até uma referência.

Além de frequentarem a escola, tem os cursos na Escola Parque. Eles participam de curso de teatro, informática, confeitaria, padaria, pintura, tecelagem sempre no horário oposto ao da aula.

Uma das Filhas de Iracema faz curso na Escola Parque e já está no projeto Neojibá. Ela foi convidada agora para participar da Orquestra da Liberdade, ela tem 14 anos, uma criança muito esforçada.

#### **12. As crianças têm atividades culturais regulares?**

Sim, temos capoeira duas vezes na semana e alguns grupos vêm voluntariamente aos fins de semana para fazer recreações, trazem brincadeiras, apresentações de música, de teatro, oficinas de reciclagem. Temos um parceiro também que é a Caixa Cultural que nos ajuda muito nessa questão de atividades culturais.

#### **13. Elas saem com frequência?**

Nossa grande dificuldade é em relação ao transporte, mas sempre tem alguma saída.

**14. Já foram ao cinema?**

Sim, ano passado foram duas vezes pela Fundação Cultural e ao Salvador Shopping uma vez com um grupo de voluntários.

**15. Qual a importância de iniciativas culturais voltadas para crianças?**

Acho importantíssimo! Enriquece muito o conhecimento, as crianças não podem ficar voltadas somente para do abrigo, elas precisam interagir e os projetos culturais fazem parte dessa integração.

**16. Acham interessante abordar o tema ambiental com as crianças?**

Achei o tema ótimo, porque essas crianças de hoje precisam valorizar mais o meio ambiente, precisam aprender a respeitar a natureza, isso é fundamental.

**17. Existe alguma restrição alimentar das crianças que irão ao cineclube?**

Não, dos que vão com a gente não.

**18. Podem ser feitos registros fotográficos do projeto para uso exclusivamente acadêmico?**

Como medida de precaução e prevenção uma vez que algumas crianças acolhidas estão em situação de risco e não podem ser identificadas, fotos só são concedidas mediante autorização prévia e de modo que não se identifique a criança fotografada.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Faculdade de Comunicação

**facom**  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UFBA

## AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Franciele de Sousa Miranda  
Mattos....., abaixo assinado(a),  
autorizo **ANA PAULA SANTOS TRINDADE**, estudante de Produção em  
Comunicação e Cultura, da Faculdade de Comunicação da Universidade  
Federal da Bahia, a utilizar as informações por mim prestadas, para a  
elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **CINE**  
**AÇÃO** e está sendo orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Carla de Araujo Risso.

Salvador, 04 de agosto..... de 20 17 .

Franciele de S. Miranda Mattos

Assinatura do entrevistado(a)

Franciele de S. Miranda Mattos  
Assistente Social  
CRESS 17985-5ª



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Faculdade de Comunicação

**facom**  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UFBA

### AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Iolanda Souza Bomfim  
....., abaixo assinado(a),  
autorizo **ANA PAULA SANTOS TRINDADE**, estudante de Produção em  
Comunicação e Cultura, da Faculdade de Comunicação da Universidade  
Federal da Bahia, a utilizar as informações por mim prestadas, para a  
elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **CINE  
AÇÃO** e está sendo orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Carla de Araujo Risso.

Salvador, 04 de agosto..... de 20 17 .

Iolanda Souza Bomfim

Assinatura do entrevistado(a)

Iolanda Bomfim  
Pedagoga  
Organização de Auxílio Fraternal

### 3. Solicitação de Transporte da UFBA

#### SOLICITAÇÃO DE TRANSPORTE: MICROONIBUS PARA ATIVIDADE EXTERNA

Salvador, 10 de julho de 2017

#### À PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS – PROAD/UFBA

Eu, Ana Paula Santos Trindade, RG 13.180.104-03, inscrita no CPF sob o número 031.079.565-62 e estudante do curso de Comunicação – Habilitação em Comunicação e Cultura na Universidade Federal da Bahia solicito o uso do transporte da UFBA no dia 25 de julho, das 8h30 às 12h e das 13h às 17h, para execução do meu projeto de TCC: Cine Ação, um projeto de cineclube que levará as crianças da Organização de Auxílio Fraternal (OAF), uma organização não governamental, situada na Lapinha, para um primeiro contato com o cinema na Sala Walter da Silveira, nos Barris.

O projeto tem o objetivo de promover a troca de experiências, formar uma nova plateia para o cinema, inserir as crianças no contexto sociocultural e promover o debate da questão ambiental de fundamental importância para a vida cotidiana.

A lista de usuários do transporte será composta por mim, aluna da unidade de Comunicação, por 15 crianças na parte da manhã e 18 crianças na parte da tarde, mais os adultos responsáveis que irão acompanhar as crianças na atividade. Solicito o transporte de ida e volta nos dois turnos.

Atenciosamente,



---

Assinatura



UFBA

## SOLICITAÇÃO DE VEÍCULOS / OUTRAS ATIVIDADES FORMULÁRIO B

SOLICITANTE				
Nome Adriano de Oliveira Sampaio		SIAPE 1748775	Unidade /Órgão FACOM/UFBA	
Telefone	Celular (71) 99157-6059	E-mail adrianosampaio@gmail.com		
Unidade Interna (Seção/Setor/Depto/Colegiado etc.) Departamento da Faculdade de Comunicação		Data Saída 25/07/2017	Data Chegada 25/07/2017	
		Hora Saída 08h30	Hora Chegada 17h	
Local de Saída Organização de Auxílio Fraterno (OAF) - Rua do Queimadinho, 17 – Liberdade, Salvador			Tempo Estimado de Utilização 9h30	
Destino Sala Walter da Silveira - Rua General Labatut, 27 – Barris, Salvador		Município Salvador	Estado Bahia	
Trajeto Pela manhã saída da OAF para a Sala Walter da Silveira às 08h30, retorno às 12h. Pela tarde saída às 13h e retorno às 16h30.		Estimativa de deslocamento interno		
		Local Saída: Rua do Queimado17, Liberdade	Local Chegada: Rua General Labatut, 27 – Barris	Nº Dias: 1
		Local Saída: Rua General Labatut, 27 – Barris	Local Chegada: Rua do Queimado17, Liberdade	Nº Dias: 1
		Local Saída: _____	Local Chegada: _____	Nº Dias: _____
Número de Passageiros 40 (dividido em turnos)	Atividade:			
	<input type="checkbox"/> Ensino	<input checked="" type="checkbox"/> Pesquisa	<input type="checkbox"/> ACC	<input type="checkbox"/> Extensão
	<input type="checkbox"/> Administrativo			
<b>ATENÇÃO:</b> Usuários (Nome, Identidade, SIAPE ou nº da matrícula na UFBA) O campo de preenchimento dos usuários do transporte segue na página em anexo.				
Justificativa para a Solicitação A ida das crianças da Organização de Auxílio Fraterno (OAF) para a Sala de Cinema Walter da Silveira faz parte do memorial do projeto de TCC: Cine Ação. O projeto é da aluna Ana Paula Santos Trindade, matrícula de nº 213103868.				
Data 10/07/2017	Assinatura Requisitante (Diretor da Unidade / Órgão)			
Funcionário da Unidade/Órgão para contato Carla Araujo Risso/ Colegiado da FACOM - UFBA	E-mail comunica@ufba.br	Setor Colegiado/FACOM	Telefone (71) 3283-6180	
<b>ATENÇÃO:</b>				
1º passo: Solicitar a assinatura do Diretor (a) da Unidade ou da pessoa autorizada.				
2º passo: Anexar a este formulário a lista completa de usuários contendo as informações solicitadas. <b>OBS.: A lista para preenchimento segue em anexo.</b>				
3º passo: Enviar a documentação para a PROAD.				
a) A solicitação de veículos com destino aos municípios que integram a Região Metropolitana de Salvador (RMS) deverá ser feita com antecedência mínima de 15 (quinze) dias úteis antes do dia de viagem;				
b) Em se tratando de outros municípios que dependem de liberação de diárias para o motorista, os pedidos devem ser feitos com 45 (quarenta e cinco) dias úteis de antecedência da viagem.				
Informamos ainda, que a liberação de transporte para a RMS e para outros municípios do Estado da Bahia, ocorrerá após a avaliação do pedido pela Coordenação de Gestão Administrativa / CGA, tendo como prioridade as atividades de ensino de graduação aprovadas pelas instâncias competentes da Universidade, disponibilidade de recursos e de condução para o dia e horário previstos e, quando for o caso, dependerá da aprovação das diárias pelo Gabinete do Reitor.				
AUTORIZAÇÃO – PROAD				
<input type="checkbox"/> Autorizado		<input type="checkbox"/> Não autorizado		Data: ____ / ____ / ____
<input type="checkbox"/> Locação de Veículo		<input type="checkbox"/> Veículo UFBA		OBS.: _____
_____ ASSINATURA DO DIRIGENTE				
CAMPO DE PREENCHIMENTO EXCLUSIVO – NÚCLEO DE TRANSPORTES				
Veículo (Tipo)	Placa	Motorista		
Hora Saída	Hodômetro Saída	Hora Chegada	Hodômetro Chegada	Nº de Km Rodados
Data	Responsável do Setor			

## 4. Solicitação da Sala de Cinema



Paula Trindade <paulatrindade.procult@gmail.com>

---

### Programa de Formação de Público (Escola no Cinema)

---

Paula Trindade <paulatrindade.procult@gmail.com>  
Para: cineadolfofogomes@yahoo.com.br

29 de junho de 2017 14:11

Olá,

Meu nome é Ana Paula Trindade e estou desenvolvendo um trabalho de conclusão de curso de Produção em Comunicação e Cultura pela UFBA. É um projeto chamado Cine Ação voltado para crianças. A proposta é levar as crianças a uma experiência cinematográfica, ao contato com o cinema, logo após a exibição desenvolver um bate papo em torno da temática do filme e desenvolver atividades que envolva a produção de conhecimento.

Fiquei sabendo do Programa de Formação de Público do Dimas, o Escola no cinema, mas ao invés de levar uma escola gostaria de levar crianças de um orfanato.

Quero saber como funciona a exibição, se posso escolher o filme, levar convidados para conversar com as crianças, com o que tenho que arcar e as datas disponíveis.

Desde já agradeço a atenção e aguardo a resposta.

—

Paula Trindade  
Graduanda de Comunicação com habilitação em Produção Cultural  
Contato: (71) 98145-0746



Paula Trindade <paulatrindade.procult@gmail.com>

---

### Programa de Formação de Público (Escola no Cinema)

---

Adolfo Gomes <cineadolfofogomes@yahoo.com.br>  
Responder a: Adolfo Gomes <cineadolfofogomes@yahoo.com.br>  
Para: Paula Trindade <paulatrindade.procult@gmail.com>

29 de junho de 2017 14:19

Prezada Ana Paula,

Super grato pelo contato e interesse. Podemos disponibilizar a Sala Walter da Silveira, a partir de 15 de julho, às terças e quintas pela manhã. Basta marcar. Não há custo nenhum. Sobre os conteúdos a serem exibidos, você pode trazer o filme da sua preferência, desde que seja DVD original.

Qualquer dúvida, fico à disposição.

Cordialmente,

Adolfo Gomes  
Núcleo de Difusão  
Diretoria de Audiovisual  
Fundação Cultural da Bahia  
71-3116-8124

---

De: Paula Trindade <paulatrindade.procult@gmail.com>

Para: cineadolfofogomes@yahoo.com.br

Enviadas: Quinta-feira, 29 de Junho de 2017 15:11

Assunto: Programa de Formação de Público (Escola no Cinema)

[Texto das mensagens anteriores oculto]

## 5. Desenhos e Depoimentos

Pela manhã:



Geisa, 11 anos:

“Eu gostei de tudo. Quando WALL-E viu EVA se apaixonou. E a Terra tava cheia de lixo. Tem que limpar e cuidar.”



Maria Clara, 10 anos:

“Achei emocionante! O robozinho gostava muito da outra e quando eles voltaram do espaço começaram a reconstruir a Terra. Eles chegaram na Terra e começaram a plantar.”



Davi, 8 anos:

“Achei legal!”



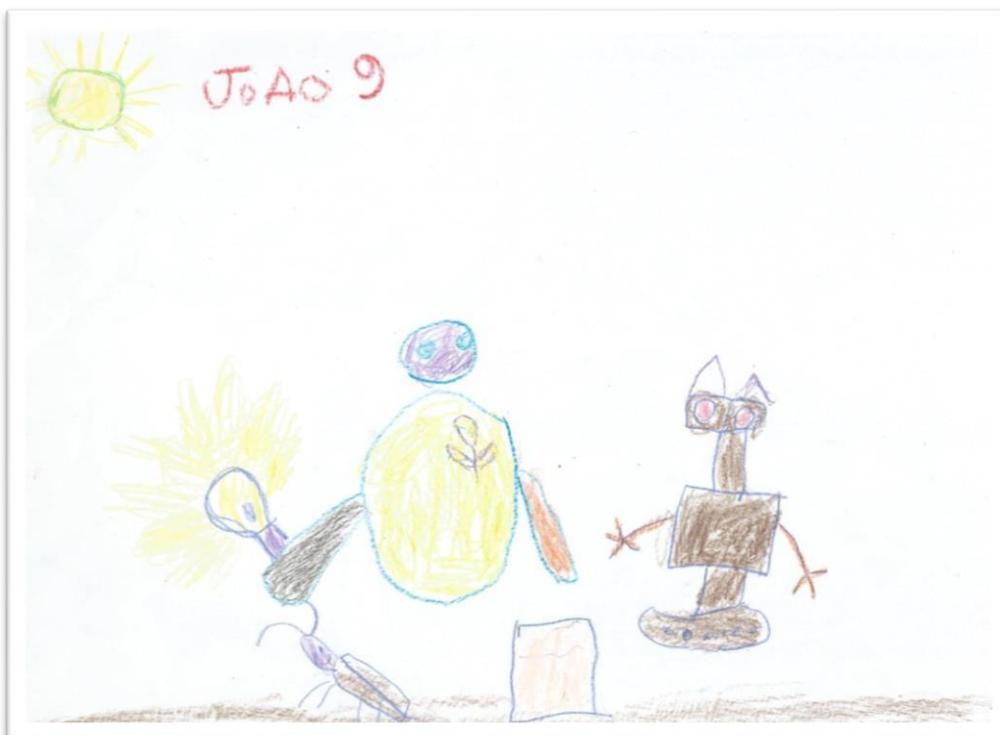
Tamires, 14 anos:

“Tem que deixar o meio ambiente limpo, porque se tiver sujo as plantas morrem e o mundo fica sujo. O robozinho limpava a Terra e protegia a Eva.”



Thais, 9 anos:

“Eu achei muito legal. E eu queria falar também que o desenhinho fala que o robzinho não pode ficar sozinho não.”



João, 9 anos:

“Gostei da parte que o robzinho mostrou a plantinha e as coisas que ele tem.”



Leandra, 9 anos:

“Eu gostei dos bonecos! Gostei mais da EVA.”



Laura, 8 anos:

“Eu desenhei o boneco e a boneca e o final feliz, porque gostei muito do final da história.”



Johnny, 8 anos.



Leandro, 8 anos.

**Pela tarde:**

Marcos, 10 anos:

“A parte que eu gostei foi a hora que chegou na Terra e enterrou a planta. A Terra ficou daquele jeito porque as pessoas consumiram muita coisa. Isso faz mal pra o meio ambiente.”

Mariana, 7 anos:

“Achei tudo legal! Gostei da parte que ela ajudou ele.”

Carina, 10 anos:

“Eu gostei do filme todo.”

Sara, 12 anos:

“A parte que eu mais gostei foi quando o comandante percebeu que todos estavam errados e que ele tinha que mudar e voltar para Terra.”

Karen, 14 anos:

“Gostei da hora que o comandante desligou o robzinho.”

Ana Clara, 8 anos:

“Eu gostei da parte que eles perceberam que era bom voltar pra Terra.”

Bismarck, 9 anos:

“Gostei da parte que o robô (Wall-E) conheceu ela (Eva).”

Thiago, 12 anos:

“Gostei da hora que a memória dele voltou e ele reconheceu ela.”

## REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. **WALL-E**. Sinopse e detalhes. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-123734/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

ALVES, G.; MACEDO, F., IN. De (Coord.). **Cineclube, Cinema e Educação**. 1. Ed. Brasil: Praxis Artes Graficas, 2011.

ANDRADE, Rhuan. Cinema, cineclubes e práticas sócio-culturais. In: INTERCOM 2011, 34., 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Universidade do Grande Rio – Duque de Caxias, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1478-1.pdf>> Acesso em: 6 abr. 2016.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BOAS, F. (2010). **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_. **A formação da antropologia americana**. Antropologia. Organização e introdução George W. Stocking, Jr. Trad. Rosaura Maria Cirne Lima Eichenberg. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_. **Antropologia cultural**. Trad. Celso de Castro – 6ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da Cultura e Políticas Públicas**. São Paulo Perspec. [online], 2001, vol.15, n.2. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200011>>. Acesso em 09 jun. 2017.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As Escolas históricas**. Trad. Ana Rabaça. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 19 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em 19 mai. 2017.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. In: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciências Sociales. Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em 09 jun. 2017.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, **Cadastro Nacional de Adoção (CNA)**. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/cadastro-nacional-de-adoacao-cna>>. Acesso em 17 jul. 2017.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DE CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

Digitais PUC-Campinas. **A maioria de crianças e adolescentes em abrigos não são órfãs**. Disponível em: <<https://digitaispuccampinas.wordpress.com/2016/05/19/a-maioria-das-criancas-e-adolescentes-em-abrigos-nao-sao-orfaos/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

FIGUEIREDO, Hermano. **O movimento cineclubista brasileiro**. Observatório Cineclubista Brasileiro, 2004. Disponível em: <<http://www.culturadigital.br/cineclubes/cineclubes/rtigos/omovimentocineclubista-brasileiro/>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs.). **Educação e arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2008 – (Coleção Ágere).

GUSMÃO, Milene. O Desenvolvimento do Cinema: O Desenvolvimento do Cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural. In: ENECULT 2008, 4., 2008, Salvador. **Anais eletrônicos...** Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em:<<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14469.pdf>> Acesso em: 8 abr. 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Conde**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=290860&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Levantamento Nacional de Abrigos para crianças e adolescentes da Rede SAC**. Disponível em: <[http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome\\_c/acolhimento\\_institucional/Doutrina\\_abrigos/IPEA.\\_Levantamento\\_Nacional\\_de\\_abrigos\\_para\\_Crianças\\_e\\_Adolescentes\\_da\\_Rede\\_SAC.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome_c/acolhimento_institucional/Doutrina_abrigos/IPEA._Levantamento_Nacional_de_abrigos_para_Crianças_e_Adolescentes_da_Rede_SAC.pdf)>. Acesso em: 17 jul. 2017.

LUBISCO, Nídia. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**/ Nídia M. L. Lubisco, Sônia Chagas Vieira, Isnaia Veiga Santana, 4 ed. Ver, e ampl. – Salvador: EDUFBA, 2012. 145 p.; Il.

MACEDO, Felipe. **O que é cineclube**. Disponível em: <<http://www.culturadigital.br/cineclubes/cineclube/rtigos/o-que-e-cineclube/>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

MACEDO, Felipe; CERCONETTO, Gizely. **O público dos cineclubes: memória e interface com políticas públicas**. Observatório Cineclubista Brasileiro, 2011. Disponível em: <<http://www.culturadigital.br/cineclubes/>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

**Organização de Auxílio Fraterno: OAF**. Disponível em: <<http://www.oaf.org.br/>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

**Observatório Cineclubista**. Disponível em: <<http://www.culturadigital.br/cineclubes/>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

PEREIRA, José Carlos. **Educação e cultura no pensamento de Franz Boas**. In: Ponto-e-vírgula: revista do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. N° 10, 2° semestre de 2011. P. 101-118.

PERROTTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo, Summus, 1990.

Politize! **O que é o G20?**. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/g20-o-que-e/>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Você sabe o que é desenvolvimento sustentável?**. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/desenvolvimento-sustentavel-o-que-e/>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

SESC. **Públicos de Cultura.** Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

**WALL-E.** Direção: Andrew Stanton. Produção: Jim Morris. Roteiro: Andrew Stanton, Pete Docter e Jim Reardon. EUA: Pixar Animation Studios, 2008.1 DVD, 97 minutos. Dolby Digital 5.1, color. Produzido por Disney DVD.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave.** Um vocabulário de cultura e sociedade, São Paulo, Boitempo, 2007.

WWF. **O que é desenvolvimento sustentável?**. Disponível em: <[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/questoes\\_ambientais/desenvolvimento\\_sustentavel/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/)>. Acesso em: 7 jul. 2017.